

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

**HARON CARDOSO FABRE**

**O FENÔMENO DA SEGUNDA RESIDÊNCIA: UM OLHAR SOBRE OS  
OCUPANTES DE UMA PRAIA DO SUL DE SANTA CATARINA**

**CRICIÚMA, SC**

**2019**

**HARON CARDOSO FABRE**

**O FENÔMENO DA SEGUNDA RESIDÊNCIA: UM OLHAR SOBRE OS  
OCUPANTES DE UMA PRAIA DO SUL DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Kraieski de Assunção

**CRICIÚMA, SC**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

F123f Fabre, Haron Cardoso.

O fenômeno da segunda residência : um olhar sobre os ocupantes de uma praia do Sul de Santa Catarina / Haron Cardoso Fabre. - 2019.

87 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, Criciúma, 2019.

Orientação: Viviane Kraieski de Assunção.

1. Segunda residência - Balneário Rincão (SC).  
2. Casas de veraneio. 3. Urbanização. 4. Apropriação do espaço. 5. Psicologia ambiental.  
I. Título.

CDD 23. ed. 728.72

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla - CRB 14/1101  
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

## Parecer da Banca



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
Pró-Reitoria Acadêmica  
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação  
Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais

---

### PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado apresentada pelo candidato **HARON CARDOSO FABRE**, sob o título: **“O FENÔMENO DA SEGUNDA RESIDÊNCIA: UM OLHAR SOBRE OS OCUPANTES DE UMA PRAIA DO SUL DE SANTA CATARINA”**, para obtenção do grau de **MESTRE EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguido o candidato, os membros são de parecer pela **“APROVAÇÃO”** da Dissertação.

Criciúma/SC, 29 de agosto de 2019.

**Prof. Dra. Maíra Longhinotti Felipe**  
Primeiro Examinador

**Prof. Dra. Teresinha Maria Gonçalves**  
Segundo Examinador

**Prof. Dra. Viviane Kraieski de Assunção**  
Presidente da Comissão e Orientadora



## RESUMO

O fenômeno da segunda residência está associado ao desenvolvimento da sociedade capitalista, com a delimitação do tempo livre e do tempo de trabalho. Balneário Rincão, localizado no litoral sul de Santa Catarina, é um dos municípios que vêm passando por um grande processo de urbanização devido à crescente procura da população por praias em épocas de veraneio. Este trabalho buscou analisar o fenômeno da segunda residência no Balneário Rincão por meio da relação dos sujeitos com suas casas de praia. Compreende-se aqui, a partir de leituras da Psicologia Ambiental e de outras áreas do conhecimento, que essas residências são mais do que construções físicas, e a constituição de seus espaços deve ser pensada em relação à subjetividade dos sujeitos. Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, com pesquisa de campo. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturado. Participaram da pesquisa onze indivíduos, de classe média, com idade entre 27 e 72 anos. O tempo em que os moradores possuem a segunda residência é de quatro a 52 anos, a maioria mora em Criciúma, e escolheram o Rincão pela facilidade de acesso. A pesquisa constatou que o uso da segunda residência, entre os sujeitos da pesquisa, está fortemente relacionado à sociabilidade e à família. O processo de apropriação das segundas residências foi analisado tendo como referências os conceitos de identificação, personalização, cultivo, sentimento de pertença e lugar essencial. Os sujeitos da pesquisa demonstraram valorizar as áreas públicas do município para lazer e compras e não associam as alterações do ambiente natural às ações de impacto ambiental. Conclui-se que os sujeitos da pesquisa se apropriam da segunda residência, porém não valorizam os aspectos naturais e a preservação do meio ambiente local.

**Palavras-chave:** Apropriação do espaço. Balneário Rincão. Segunda residência.

## ABSTRACT

The phenomenon of the second residence is associated with the development of capitalist society, with the delimitation of free time and working time. Balneario Rincão, located on the south coast of Santa Catarina, is one of the municipalities that have been undergoing a major urbanization process due to the growing demand of the population for beaches in summer seasons. This paper aimed to analyze the phenomenon of the second residence in Balneario Rincão through the relationship of the subjects with their beach houses. It is understood here, from readings of Environmental Psychology and other areas of knowledge, that these residences are more than physical constructions, and the constitution of their spaces must be thought in relation to the subjectivity of the subjects. A qualitative, exploratory research with field research was conducted. The data collection instrument was a semi-structured interview script. Eleven middle-class individuals aged 27 to 72 years participated in the study. The time when the residents own the second residence is from four to 52 years old, most of them live in Criciúma, and chose Rincão because of its easy access. The research found that the use of the second residence, among the research subjects, is strongly related to sociability and family. The process of appropriation of the second residences was analyzed based on the concepts of identification, personalization, cultivation, sense of belonging and essential place. The research subjects demonstrated to value the public areas of the city for leisure and shopping and do not associate the changes of the natural environment with the actions of environmental impact. It is concluded that the research subjects appropriate the second residence, but do not value the natural aspects and the preservation of the local environment.

**Keywords:** Balneario Rincão. Second Residence. Space appropriation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da área de estudo .....	37
Figura 2 - Cidades que cercam Balneário Rincão .....	38
Figura 3 - Museu arqueológico .....	39
Figura 4 - Calçadão novo construído na beira-mar de Rincã .....	56
Figura 5 - Tendões de comércio artesanal ao longo da calçada .....	57
Figura 6 - Fotos retiradas da residência de Maria: filtro de barro (1), vaso de cerâmica (2) e decoração na parede (3) .....	60
Figura 7 - Fotos da residência de Gorete: área externa(1), garagem e área de lazer(2), estante da sala(3) e cozinha(4) .....	61
Figura 8 - Objetos de importância encontrados na casa de Marcio: a mesa (1) e o quadro (2) foram feitos por ele mesmo .....	63
Figura 9 - Fotos da estante presente na sala de João .....	64
Figura 10 - Decorações presentes por toda a casa de Gorete: quadros litorâneos (1 e 2) e peças de cerâmica (3 e 4) .....	65
Figura 11 - Cristaleira presente na casa de Marcio .....	66
Figura 12 - Fotos retiradas da residência de Marcos: área externa (1), deck (2), pátio aos fundos (3) .....	68
Figura 13 - Garagem com redes para descanso .....	69
Figura 14 - Plantas e árvores presentes na área externa da residência de Marcos: bananeira (1), vaso decorativo (2), pé de maracujá (3) e floreira no deck (4) .....	69
Figura 15 - Plantas presentes na residência de Paulo: horta (1), vasos de plantas (2) e árvores presentes por todo o pátio (3) .....	70
Figura 16 - Fotos retiradas da residência de Paulo: área construída aos fundos (1), fundos da casa (2) e cozinha (3) .....	72
Figura 17 - Algumas decorações sazonais presentes nas casas: árvore da Natal de Maria (imagens 1 e 2) e decoração na mesa de Gorete (imagem 3) .....	73

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Conceitos sobre o fenômeno da segunda residência.....	26
Tabela 2 - Conceitos sobre o fenômeno da segunda residência.....	28
Tabela 3 - Conceitos sobre o processo de apropriação da casa.....	35
Tabela 4 - Sujeitos da pesquisa.....	49

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
2.1 A COSTA BRASILEIRA E OS IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELA AÇÃO HUMANA .....	17
2.2 O DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO DO LITORAL CATARINENSE.....	19
2.3 A URBANIZAÇÃO COMO FORMA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO.....	21
2.4 A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM .....	22
2.5 O FENÔMENO DA SEGUNDA RESIDÊNCIA.....	24
2.6 A CASA: SUAS RELAÇÕES E SIGNIFICADOS.....	29
2.7 A CASA COMO APROPRIAÇÃO DO SUJEITO .....	34
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>37</b>
3.1 ÁREA DE ESTUDO .....	37
3.2 CONTEXTO HISTÓRICO DE BALNEÁRIO RINCÃO.....	39
3.3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	44
3.4 INSTRUMENTO DE PESQUISA .....	46
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	48
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>49</b>
4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	49
4.2 POR QUE RINCÃO? .....	50
4.3 PERCEPÇÃO DOS PESQUISADOS SOBRE RINCÃO .....	54
4.4 AS RELAÇÕES DOS SUJEITOS COM A SEGUNDA RESIDÊNCIA.....	59
<b>4.4.1 Identificação .....</b>	<b>59</b>
<b>4.4.2 Personificação.....</b>	<b>62</b>
<b>4.4.3 Cultivação .....</b>	<b>67</b>
<b>4.4.4 Sentimento de pertença .....</b>	<b>73</b>
<b>4.4.5 Lugar essencial.....</b>	<b>74</b>
<b>4.4.6 Identidade do lugar.....</b>	<b>76</b>
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>78</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o Brasil vem apresentando uma ocupação prioritariamente em suas zonas costeiras, o que contribuiu de forma expressiva para o adensamento das cidades próximas ao litoral. O litoral sul catarinense, principalmente a partir da segunda metade do século XX, vem crescendo com ações do setor imobiliário. Dessa forma, com a valorização dos terrenos próximos ao mar, as praias, que antes eram vistas como isoladas, tornaram-se pontos turísticos e lugares propícios para o veraneio. É nesse sentido que alguns aspectos dessas regiões se transformaram consideravelmente, modificando sua dinâmica de funcionamento em prol de veranistas.

Como todo o país litorâneo de formação colonial, a ocupação territorial do Brasil ocorreu no sentido geral da Zona Costeira para o interior, fato responsável por significativo adensamento populacional no litoral. Atualmente, cerca de 1/5 da população brasileira vive à beira-mar, representando contingente de mais de 30 milhões de habitantes, com a zona costeira apresentando densidade demográfica de 87 habitantes por km<sup>2</sup>, cinco vezes maior que a média nacional de 17 habitantes por km<sup>2</sup>. Na verdade, tomando os espaços imediatamente contíguos à costa, temos metade da população nacional habitando a menos de 200 km da orla marítima (BRASIL, 2002, p.323).

No contexto da expansão da especulação imobiliária, o aumento no número de casas passa a se tornar significativo, o que conseqüentemente amplia os números de habitantes vivendo no litoral. Mudanças ocorrem também nas casas, que não possuem apenas caráter econômico, mas também dimensão afetiva. As residências não são somente construções físicas com função única de abrigo, como também passam a ser espaço de afeto e encontros. E é sob esse olhar que passamos a compreender o espaço relacionado à subjetividade dos sujeitos, que “é o nosso mundo interno, o nosso espaço psíquico, lugar onde acontecem as emoções, os sentimentos e também as percepções, a imaginação e a memória” (GONÇALVES, 2014, p.92). Nesse sentido,

a valorização dos espaços litorâneos, como produção social, não se define apenas pela criação de valor caracterizada pelas teorias econômicas. Envolve, na verdade, diversos aspectos simbólicos, culturais, tecnológicos e ambientais. Nesse contexto, os espaços à beira-mar passam a ser desejados quando mudanças paulatinas nas representações sociais, ao longo dos séculos XVIII e XIX, desmistificam o até então desconhecido (PEREIRA, 2014, p. 08).

Para tanto, a valorização do descanso e aproveitamento do tempo livre passam a ser características cada vez mais marcantes e destacáveis na vida das pessoas, e

envolvem a compreensão e consciência dos problemas oriundos do trabalho em excesso e procura por uma qualidade de vida com benefícios próprios na busca de mais tempo para si mesmos. Essa tendência, junto ao fato de o Brasil possuir um litoral rico em beleza e diversidade, chama a atenção das pessoas a ponto de elas passarem suas férias de verão em contato com a natureza, especialmente no litoral, ressignificando o agito urbano para um momento de maior tranquilidade e sossego.

O sujeito passa a compreender, então, o espaço no qual reside trazendo valores sentimentais e simbólicos, e tende a “apropriar-se e sentir-se pertencente a um lugar. O sentimento de pertença é explicitado pelas formas como o sujeito se apropria dos espaços e dos lugares, sendo os principais: identificação, personificação do lugar e cultivação” (GONÇALVES, 2014, p. 92). Compreendemos, a partir de Gonçalves, que “o valor simbólico é o sentido que o sujeito dá para todas as coisas, desde coisas materiais até as imateriais, como os elementos do mundo afetivo e espiritual” (GONÇALVES, 2014, p. 92).

Tendo em vista que o fenômeno balneário representa uma inovação em matéria de ocupação do espaço, e que confere ao “território do vazio” o status de lugar organizado e atraente, nascendo, dessa ocupação, as práticas sociais e as formas específicas do modo de habitar, normalmente temporárias, é possível então pensar a patrimonialização da prática cultural do veraneio por meio da categoria de paisagem cultural, pois essa prática demonstra como a evolução da sociedade humana e o uso do espaço litorâneo ao longo do tempo atribuiu à praia as características de um lugar de cura, descanso, lazer e sociabilidades (SCHOSSLER, 2017, p. 08).

Assim sendo, torna-se importante compreender, em sua função antropológica, a importância da casa e do habitar no fenômeno da segunda residência, considerando a casa espaço importante para a constituição dos sentidos de enraizamento e de segurança (BOLLNOW, 2008). Sob esse ponto de vista, a casa se torna parte do sujeito e o sujeito passa a ser parte daquele espaço como refúgio de bem-estar:

no espaço privado da casa sentimo-nos nós mesmos. A casa seria um refúgio que nos confortaria e aliviaria nossas dores. Essa seria a “casa ideal”, o lugar essencial ou o “paraíso perdido” no dizer de Valadares, pelo excesso de tarefas profissionais, sociais e domésticas. Ou seja, restitui a casa o lugar de refúgio e abrigo, que é tão essencial ao nosso bem-estar físico e psicológico (GONÇALVES, 2014, p.93).

Foi considerando essas perspectivas que se estabeleceu como temas de estudo do presente trabalho o fenômeno da segunda residência e a casa como apropriação do

sujeito, buscando possibilitar uma análise da relação dos sujeitos com sua segunda residência.

Nesse contexto, apresenta-se Balneário Rincão, localizado ao sul de Santa Catarina, como lócus da pesquisa. O município, assim como diversas cidades litorâneas do Brasil, vem passando por um grande processo de urbanização devido à grande procura da população por moradia no litoral, principalmente em épocas de veraneio. Por ser a praia mais próxima, muitos dos moradores de Criciúma escolhem o Rincão - como é mais popularmente conhecido na região - como local de veraneio.

Assim, estabeleceu-se como objetivo geral dessa dissertação analisar o fenômeno da segunda residência em Balneário Rincão (SC) por meio da relação dos sujeitos com suas casas de praia. Os objetivos específicos foram: levantar informações sobre o processo histórico de ocupação de segunda residência em Balneário Rincão; compreender como os sujeitos se apropriam de suas casas de praia; identificar se os sujeitos possuem sentimento de pertença em relação a sua casa de praia; analisar como os sujeitos personificam suas casas de praia. Nesse sentido, o estudo aqui apresentado (aprovado sob o parecer de nº2.625.752, do Comitê de ética), relativo a um tema pouco explorado e inédito no Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, contribui para o entendimento sobre como o sujeito se apropria dos espaços nos quais está inserido.

Para tanto, a pesquisa foi dividida em cinco capítulos. Após a introdução, no capítulo dois, apresenta-se uma discussão acerca da costa brasileira e os impactos ambientais realizados pela ação humana, além de abordar o desenvolvimento e crescimento do litoral catarinense, assim como o fenômeno da segunda residência e a casa como apropriação do sujeito. É também discutido o processo de urbanização como forma da produção do espaço, além da construção da paisagem. O capítulo três versa sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa. Trata sobre o contexto histórico de formação de Balneário Rincão, a caracterização da pesquisa, instrumentos de levantamento e análise de dados. Já o capítulo quatro aborda resultados da pesquisa de campo, ressaltando a apropriação das casas pelos sujeitos por meio dos seguintes processos: identificação, personificação, cultivo, sentimentos de pertença, lugar essencial e a identidade do lugar. Por fim, o último capítulo traz as considerações finais, destacando as principais contribuições da pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica será discutida por meio da abordagem dos seguintes temas, que servem como base para a problematização do objeto estudo: a costa brasileira e os impactos ambientais feitos pela ação humana, o desenvolvimento e crescimento do litoral catarinense, o significado da casa, o fenômeno da segunda residência. Deste modo, buscam-se fundamentos teóricos que darão suporte ao pesquisador no sentido de torná-lo um agente do processo de construção do conhecimento e interpretação dos fenômenos sociais.

### 2.1 A COSTA BRASILEIRA E OS IMPACTOS AMBIENTAIS CAUSADOS PELA AÇÃO HUMANA

As praias arenosas no Brasil são ambientes costeiros dominantes na maioria nas regiões tropicais e temperadas e são ambientes propícios para animais marinhos, além de lugares para diversão, recreação e turismo. Diante dessas características, as praias são os ambientes costeiros mais utilizados pela população humana, e, muitas vezes, constituem uma das formas de sustento e economia ao redor do mundo, como, por exemplo, a pesca. No Brasil, as praias são bens de consumo de uso comum de um povo e são espaços públicos onde o direito de ir e vir deve ser respeitado e utilizado por todos em igualdade.

A praia é definida como uma área coberta e descoberta periodicamente pelo mar, complementada com areias, cascalhos, pedras, dentre outros detritos, até a área onde se inicia a vegetação natural ou outro ecossistema. Trata-se de um bem comum do povo, onde todos possuem direito de livre acesso (BRASIL, 1988).

Além de as praias arenosas serem valorizadas por suas características econômicas e recreativas, também são lares de uma biodiversidade diversificada e de um bioma que oferece bens básicos e serviços ecossistêmicos para o equilíbrio ambiental do local. As comunidades biológicas das praias arenosas são caracterizadas por pequenos organismos e são estruturadas pelas seguintes características, sendo elas: físico-química do ambiente (como a energia das ondas), o tamanho dos grãos e o grau de sal encontrado nas areias (AMARAL *et al.*, 2016).

Amaral *et al.* (2016) descrevem que a costa brasileira tem cerca de 10.800 km, estendendo-se do Cabo Orange até o Chuí. Nesse espaço, encontram-se as mais variadas

praias arenosas do mundo. O Brasil está entre os países com as maiores áreas litorâneas do planeta, possibilitando uma grande variedade climática e geomorfológica, motivo de o território litoral brasileiro ser tão rico em espécies e ecossistemas (MMA, 2010).

Amaral *et al.* (2016) colocam ainda que, além dos conhecimentos reduzidos a respeito técnicos, o desenvolvimento econômico brasileiro tem, ao longo da história, sido responsável pela exploração dos recursos naturais de forma mal planejada nas praias, ocasionando impactos em sua biodiversidade. Além disso, esses ambientes sofrem com os efeitos das mudanças climáticas, que, muitas vezes, acabam alterando toda a parte física, como sedimentos das dunas e a biota local. Amaral *et al.* (2016) expõem que as praias fornecem bens e serviços fundamentais para o ecossistema, como o armazenamento e transporte de sedimentos, proteção da linha costeira, filtração de grandes volumes de água e a ciclagem de nutrientes. Rodrigues (2000) diz que as praias têm um grande desempenho na conservação da fauna e flora, como o fornecimento de pouso, habitats de forrageamento e áreas de nidificação para um grande número de organismos terrestres e marinhos, incluindo várias espécies de aves.

Segundo Amaral *et al.* (2016), as praias arenosas são impactadas diretamente por vários fatores, tais como: interferência humana (construção de rodovias, prédios, enxames, quebra-mar e muros), a poluição química e orgânica e o turismo. Nesse seguimento, conforme Nordstrom (2010), os litorais do planeta estão sendo impactados pelo homem com ações que acabam danificando o meio ambiente, como a alteração no nível das dunas e da praia - ou até mesmo a sua eliminação-, com o objetivo de criar estruturas para a construção civil, como prédios, casas, comércios, ambientes de recreação, e também possibilitar o acesso às mesmas.

No Brasil, no início do século XX, de acordo com Muehe (2003), o sudeste sofreu impactos ambientais decorrentes do desenvolvimento dos aterros, que transformaram a paisagem da costa brasileira. Dunas foram eliminadas para a construção de prédios, o que comprometeu o ecossistema da região explorada. A construção de muralhas ou barreiras para impedir o avanço do mar também tem ocasionado impacto nas praias arenosas. Esse cenário também ocorreu no sul do Brasil, principalmente no litoral catarinense.

À medida que aumenta a ocupação do litoral, principalmente nas proximidades das grandes cidades, aumentam também os relatos sobre erosão. Apresenta-se assim a necessidade de elaboração de diagnóstico para cada situação específica, buscando identificar as causas, para que medidas mitigadoras e de gerenciamento possam ser tomadas. Nesta fase, a falta de informações dificulta a tomada de

decisões devido à falta de elementos para distinguir se o que ocorre é uma tendência natural, ou um ciclo no qual uma situação de desequilíbrio volta espontaneamente à normalidade, ou ainda se fatores intervenientes estão conduzindo um processo erosivo e contínuo (MUEHE, 2006, p. 5).

Omena *et al.* (2012) afirmam que o desenvolvimento urbano, industrial e portuário também tem impactado as praias brasileiras. Devido ao desrespeito em relação à legislação, cidades e indústrias despejam resíduos ricos em componentes orgânicos e inorgânicos diretamente nos mares, alterando as características físicas e químicas das águas e desencadeando um déficit de oxigênio advindo dos oceanos. Além das indústrias e residências, as atividades portuárias são responsáveis pela liberação de resíduos químicos e também a introdução de espécies exóticas nas praias. Ainda sobre impactos ambientais nas praias arenosas, Veloso *et al.* (2008) afirmam que o movimento dos carros, o pisoteio intenso nas areias e o lixo jogado nas areias geram impactos fortíssimos, e muitas espécies são eliminadas devido a essa intervenção urbana.

Além do impacto das atividades humanas na terra, as praias estão entre os ambientes marinhos mais vulneráveis aos impactos das mudanças climáticas globais, com o aumento do nível do mar, aumento da frequência e magnitude de eventos extremos, erosão costeira, aumento da temperatura do mar e acidificação dos oceanos (IPCC, 2014).

Conforme Harvey e Caton (2003), o turismo, os assentamentos urbanos e a indústria da exploração de recursos naturais são responsáveis pelo aceleramento do processo do uso de ocupação e degradação de toda a costa brasileira onde se encontram as praias arenosas. Em suma, diversos autores ressaltam que as praias arenosas são impactadas diretamente pela ação antrópica, como a retirada das areias para a construção civil, ocasionando a perda da biodiversidade original; o pisoteamento das areias, que provoca a extinção de algumas espécies de flora, lixos domésticos e industriais jogados diretamente no mar através do esgoto a céu aberto, levando à morte de algumas espécies aquáticas, dentre outros. A especulação imobiliária está ligada diretamente aos impactos ambientais nas praias, gerando, por vezes, empreendimentos em lugares de preservação ambiental, não respeitando as diretrizes e normas da APP (Área de Proteção Permanente).

## 2.2 O DESENVOLVIMENTO E CRESCIMENTO DO LITORAL CATARINENSE

Conforme Reis (2010), o turismo é uma das principais atividades econômicas no litoral de Santa Catarina, constituindo fator de grandes transformações e trazendo impactos ambientais ao meio ambiente de suas praias arenosas, paisagem e estruturas urbanas. Ainda conforme Reis (2010), no litoral catarinense concentram-se as maiores cidades de Santa Catarina, tais como: Joinville, Itajaí, Florianópolis, São Francisco do Sul e Imbituba, o que desencadeia o aumento do turismo e a procura pelas praias dessas localidades, havendo um grande aumento da alteração das paisagens desses locais. Praias como Balneário Camboriú, Itapema, Bombinhas, Florianópolis, Garopaba e Laguna são procuradas por turistas do Brasil inteiro por suas belezas naturais, porém, com o mau uso das pessoas e sua intensa procura, sofrem grandes impactos ambientais devido ao aumento de turistas, principalmente no período de dezembro a março.

O litoral catarinense possui grandes variações, o que lhe atribui uma identidade única a cada uma de suas partes, que se estendem por 561 km (da foz do Rio Saí Guaçu, na divisa com o Paraná, até a foz do Rio Mampituba, na divisa com o Rio Grande do Sul). A construção da BR-101 nos anos 70 intensificou a atividade turística, presente na região desde a década de 50, e possibilitou sua integração com o perímetro urbano do sul do país (REIS, 2010).

Segundo Reis (2010), o crescimento urbano e o aumento populacional da região litorânea de Santa Catarina trouxeram sérios problemas urbanos: degradação de ecossistemas naturais, contaminação dos rios e dos mares, comprometimento da balneabilidade, baixa capacidade de abastecimento de água potável, falta de infraestrutura de saneamento e transporte, trânsito caótico nas temporadas de veraneio etc. O autor salienta que o crescimento urbano de âmbito turístico tem acontecido pelas características que foram deixadas pela história do estado (REIS, 2010):

A área costeira catarinense teve uma ocupação que remonta ao Brasil colonial, quando se consolidaram suas primeiras cidades e sua paisagem foi significativamente alterada pela ocupação agrícola, fruto dos sucessivos processos de colonização. O crescimento turístico tem refletido, em maior ou menor escala, a influência dessa ocupação: os primeiros núcleos urbanos constituíram a base da rede urbana do estado; as formas estabelecidas com o uso rural do território, em especial o parcelamento agrícola da terra, permanecem nas ocupações contemporâneas (REIS, 2010, p. 4).

Desse modo, o crescimento desenfreado e rápido da população que reside na área litorânea vem trazendo vários problemas como degradação dos ecossistemas naturais, a contaminação dos rios e mares, comprometimento da balneabilidade, transporte gerador

de poluição, a falta de água e o número exorbitante de carros, gerando assim um trânsito caótico e descontrolado. Outro ponto a ser analisado é que, mesmo que essas regiões litorâneas sejam procuradas por suas belezas naturais e os turistas fiquem em hotéis e pousadas, existe um crescente aumento de segundas residências. Essa realidade muda muitas paisagens, principalmente em grandes centros como Florianópolis e Balneário Camboriú, pois as construções aumentam desproporcionalmente devido à grande procura e por serem lugares que em épocas de veraneios recebem grande número de estrangeiros, principalmente vindos de países vizinhos como Argentina e Uruguai. Em conformidade com Borelli (2007), as casas de segunda residência, também chamadas casas de temporadas, são lugares de recreação para as classes médias e altas nos fins de semana e também períodos de veraneio:

Considera-se ainda a questão do impacto ambiental, resultante de empreendimentos turísticos não alinhados aos preceitos da política estratégica de desenvolvimento regional e do planejamento integrado do turismo. Nessa perspectiva, poderá ocorrer impacto ambiental, quando, por exemplo, a política de uso e ocupação do solo for descentralizada, delegando-se aos municípios o encargo de normatizar a utilização do espaço territorial – muitas vezes, feita em desacordo com sua capacidade geográfica e vocação natural. Ou ainda, quando existir uma exploração desordenada de recursos naturais pela especulação imobiliária, levando ao esgotamento do uso e da atratividade turística desse espaço. Pode, também, ocorrer conflito e inadequação da malha viária, por conta de vias de acesso construídas nos corredores cênico-paisagísticos, sem a preocupação com a preservação ecológica, ou então, a partir da destruição do entorno do atrativo turístico (BORELLI, 2007, p. 15).

### 2.3 A URBANIZAÇÃO COMO FORMA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO

Correa (1995) coloca que espaço urbano pode ser analisado como um conjunto de pontos, linhas e áreas. Também pode ser abordado a partir da percepção que seus habitantes e alguns de seus segmentos têm do espaço urbano e de suas partes. Outro modo possível de análise considera-o como forma espacial em suas conexões, com estrutura social, processos e funções urbanas. Por outro lado, o espaço urbano, como qualquer outro objeto social, pode ser abordado segundo um paradigma de consenso ou de conflito.

O espaço de uma grande cidade capitalista constitui-se, em primeiro momento de sua apreensão, no conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços e de gestão, áreas industriais, áreas residenciais distintas em termos de forma e conteúdo social, de lazer e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade ou, simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado (CORREA, 2000, p. 07).

Já no âmbito relacionado ao fenômeno da segunda residência, Correa (2016) coloca que a ideia do lazer e do turismo está relacionada ao processo de expansão capitalista. O fenômeno da segunda residência tem problemas em relação às questões espaciais que interferem na produção e consumo do espaço geográfico. O autor afirma: “a segunda habitação, vista à luz da prática de lazer, do uso do tempo livre e do turismo, implica em interesses, articulações e conflitos no espaço urbano litorâneo” (p. 31).

Correa (2016) também diz que a aproximação entre o veraneio e a urbanização se faz necessária na busca pela compreensão da organização da sociedade atual, que tem nos fluxos uma característica marcante. Assim, compreender a urbanização como resultado do fenômeno da segunda residência em áreas litorâneas se constitui como elemento chave na contemporaneidade.

## 2.4 A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM

A paisagem é um tema muito antigo na área da geografia. No século XIX, a paisagem é discutida para entender as relações sociais e naturais em um determinado espaço. Dentro da geografia, a interpretação do que é uma paisagem diverge dentro das múltiplas abordagens geográficas. Observa-se que existem certas tendências “nacionais” mostrando que o entendimento do conceito depende, em muito, das influências culturais e discursivas entre os geógrafos (SCHIER, 2003).

Para Emídio (2006), o conceito de construção da paisagem pode ter várias vertentes, tais como cenários virtuais, pintura e até mesmo um desenho. Porém, na visão antropológica, o ponto de vista tem como conotação o ser humano como centro, sendo a paisagem interpretada como um produto da interação do homem com o seu meio com a finalidade de desenvolvimento de transformação, adquirindo, assim, concepções arquitetônicas, sociais, geográficas, ecológicas, psicológicas, entre outras.

Em que pese o surgimento de primícias do conceito de paisagem no século XV, durante o renascimento, esse tema é tratado formalmente no campo da geografia a partir do século XIX, com o objetivo de compreenderem-se as interações sociais e naturais existentes em um determinado espaço. Todavia, as várias abordagens, desde os organicistas, as funcionalistas ou utilitárias e as culturais- algumas das quais atreladas a bases filosóficas, evoluindo até as atuais concepções que conciliam interesses sociais e ecológicos numa visão de desenvolvimento sustentável (EMÍDIO, 2006, p.48)

A visão da paisagem é uma descoberta, pois depende do que, como, do quando se vê, sofrendo variação por causa do deslocamento físico, frequência e luminosidade durante os diferentes períodos do dia (EMÍDIO, 2006). Já Kotler (1976) coloca definições e conceitos de acordo com as áreas do conhecimento. O autor descreve que, para o sociólogo ou o economista, a paisagem é a base do meio físico, onde o homem em coletividade a utiliza, ou não, e a transforma segundo diferentes critérios. Para o botânico ou ecólogo, a paisagem significa, antes de qualquer coisa, um conjunto de organismos em um meio físico em que as propriedades podem ser explicadas segundo leis ou modelos, com ajuda das ciências físicas e/ou biológicas.

A noção de paisagem acompanha a existência humana desde o início, uma vez que a sobrevivência dos seres humanos sempre dependeu de sua relação com o meio. Entretanto, a formulação de um conceito de paisagem ocorreu ao longo de muito tempo, começando a se manifestar mais claramente a partir das observações de pintores, artistas e poetas, tanto do Oriente quanto no Ocidente. Na Antiguidade o ambiente fora do controle humano era olhado com desconfiança e entendido como elemento hostil, daí serem construídos jardins fechados para lazer, contemplação ou plantio de algumas espécies. Em meio a tendências à especialização da década de 60, Bertrand, geógrafo francês, descartou que paisagem fosse uma simples junção de elementos geográficos; antes a definiu como “combinação dinâmica, instável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos.” Na Geografia ocidental contemporânea paisagem é entendida como produto visual de interações entre elementos naturais e sociais que, por ocupar um espaço, pode ser cartografada em escala macro ou de detalhe, e classificada de acordo com um método ou elemento que a compõe. Paisagem não é o mesmo que espaço, mas parte dele; algo como um parâmetro ou medida multidimensional de análise espacial (MAXIMIANO, 2004, p.83)

Emídio (2006) descreve que a geografia divide a paisagem natural e a cultural, definindo a natural em relação aos elementos formados pela natureza, como vegetação, solo, rios e lagos, e a cultural no sentido de humanização, inclusas todas as modificações feitas pelo homem no meio natural, visando, dessa maneira, à apropriação e ao uso. Essa separação que o homem possui de capacidade de atuação permite-o transformar e projetar uma forma possível de ambiente, no qual é estabelecida a apropriação humana.

Dentro do aspecto de paisagem e projeto, Emídio (2006) coloca que trabalhar com esses dois conceitos quer dizer interferir no espaço, seja ele urbano ou não, e que para saber quais caminhos trilhar é necessário ter uma visão apropriada de sua constituição e das formas de vida, compreendendo assim os sistemas integradores. É preciso ainda ter em mente que o projeto em questão é uma nova realidade, com vida própria, que se deseja incorporar ao ambiente. O autor também acrescenta que atitudes que tem como

significados dominação da natureza devem ser evitados, pois promovem agravos ao meio ambiente, até mesmo desastres ecológicos.

No século XX, não havia grandes edifícios, bairros eram afastados das áreas centrais e dependiam do transporte público, as ruas eram iluminadas por eletricidade, vias de trânsito rápido, aeroportos, parques, centros comerciais, torres de transmissão funcionavam através de ondas magnéticas. Todos esses símbolos, comuns à cidade, ainda não existiam, até que surge lentamente uma paisagem urbana pouco semelhante às paisagens das cidades medievais, renascentistas ou barrocas, sendo muitas delas edificadas sobre um traço de ruas e lotes existentes. A arquitetura, inovações tecnológicas, planejamento e a evolução social confirmam essa diferença histórica.

Le Corbusier, em seus trabalhos, faz menção aos transtornos que muitos povos possivelmente experimentaram por não saberem adequar com rigor às repercussões das transformações tecnológicas às vidas pública e privada. O progresso técnico, exemplificando na invenção do concreto, do aço e do elevador, tornou possível a substituição da horizontalidade pela verticalidade, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento econômico, provocado pela industrialização, levou as cidades a assumir funções voltadas para a especialização do trabalho, do habitat, da circulação e do lazer (EMÍDIO, 2006, p.74).

## 2.5 O FENÔMENO DA SEGUNDA RESIDÊNCIA

Os conceitos do fenômeno da segunda residência podem ter muitas conotações, tais como: período de veraneio, estadia rápida, ou até mesmo uma segunda casa fixa. Dessa maneira, existem muitas visões a respeito do tema, uma vez que o fenômeno da segunda residência pode também ser considerado uma manifestação turística, já que muitos dizem que este fenômeno acontece de forma sazonal e se caracteriza como uma demanda do turismo e, por esse motivo, é um produto a ser explorado pelo mercado.

No desenvolvimento de produtos como o turismo de sol e mar, as segundas habitações apresentam-se como uma forma de alojamento e investimento turístico. Compreender as repercussões desse fenômeno nas destinações e suas consequências é imperativo na gestão da atividade. As segundas residências ou residências secundárias e sua utilização como alojamento turístico traz às discussões acadêmicas a dificuldade em obter um conceito definido e bem delimitado deste fenômeno. Dessa maneira, há discordância entre os limites do que e quando considerar o uso das segundas residências uma forma de turismo e a consequência do uso nos territórios (NUNES, 2016, p.93).

O fenômeno da segunda residência é antigo, e estava presente já na elite grega. Segundo Barbosa (2005), os gregos e os romanos tinham casas afastadas dos seus centros

urbanos e, na Idade Média, os reis construíram suas casas em zonas rurais, perto de montanhas e rios, com o objetivo de descanso. Depois da Segunda Guerra Mundial, este fenômeno se expandiu, tornando-se uma prática em grande escala. Para Brito (2010), em Portugal a relação da sociedade com o mar é de extrema importância. Em meados do século XVIII, em Lisboa, existiam espaços como *resorts* destinados ao descanso em época de verão.

Correa (2016) afirma que o litoral e a praia possuem atualmente um atrativo social, que se iniciou na Europa a partir do século XVIII, e se estabelece no Brasil por volta do século XX. A demanda por esse local passa a aumentar a partir do momento em que o capital imobiliário se apropria dos espaços litorâneos e começa a construir as segundas residências. Podem ser classificados a partir da propriedade, da sua frequência de uso, sua finalidade, e também quais vínculos estão estabelecidos com o imóvel.

No Brasil, o movimento supracitado teve início na década de 1950, com o desenvolvimento industrial, um dos grandes responsáveis por essa expansão, como descreve Becker (1995):

no Brasil o aparecimento do fenômeno da segunda residência dá-se na década de 1950 sob a égide do nacional-desenvolvimentismo que foi responsável pela implantação da indústria automobilística, pela ascensão do rodoviarismo como matriz principal dos transportes e pela emergência de novos estratos sociais médios e urbanos que, aos poucos, começariam a incorporar entre seus valores socioculturais a ideologia do turismo e do lazer. (...) O veraneio ou o descanso dos fins de semana se transformaram em valor social cuja satisfação levaria o turismo, de modo muitas vezes predatório e desordenado, a regiões acessíveis a grandes centros urbanos do Centro-Sul, e com atributos ambientais valorizados (zonas costeiras e/ou serranas) (BECKER, 1995 p. 10).

De acordo com Silva (2009), a definição de segunda residência no Brasil é complexa devido às diversas formas que adquire em diferentes contextos:

casa de praia, casa de campo, chalé, cabana, rancho, sítio ou chácara são termos usados como sinônimos e utilizados popularmente para denominar o que o IBGE chamou de “domicílio de uso temporário” na Sinopse Preliminar do Censo de 1980, ou “residência secundária” como é conceitualmente estudado em turismo. Os primeiros dados oficiais sobre residências secundárias no Brasil surgiram em 1970 em recenseamento do IBGE, em que foram incluídas entre os “domicílios fechados”. Essa primeira definição do IBGE não correspondia exatamente ao conceito mais comum de residência secundária. Posteriormente, no Censo de 1991, o IBGE aprimorou a definição, identificando as residências secundárias como domicílios particulares de uso ocasional, ou seja, residências que servem esporadicamente de moradia (casa, apartamento), geralmente em finais de semana ou períodos de férias, para descanso ou lazer. Essa definição elaborada em 1991 é mais abrangente e aproxima-se do conceito turístico de residência secundária (SILVA, 1995, p. 03).

Em um âmbito conceitual, Tulik (2001) coloca que imóveis de segunda residência são casas de temporada, campo, praia, chalé, cabana, rancho, sítio ou chácara de lazer, que constituem uma propriedade particular utilizada por famílias durante uma época do ano. Essas pessoas têm residências permanentes em outra localidade no meio urbano, que seriam suas primeiras residências.

Alguns autores classificam o fenômeno da segunda residência de acordo com os seguintes objetivos: utilização para o trabalho, lazer ou turismo, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1 - Conceitos sobre o fenômeno da segunda residência.

Autor	Conceito
Tulik (2001)	A residência secundária, portanto, opõe-se à residência principal e sua utilização compreende o uso temporário por períodos que podem ser prolongados ou não. Alguns autores observam que o uso pode ser repetido, mas não consecutivo por período superior a um ano, o que já estabelece o vínculo territorial. A residência secundária é um alojamento turístico particular, utilizado temporariamente nos momentos de lazer, por pessoas que tem domicílio permanente em outro lugar (TULIK, 2001, p. 09).
Colas (2003)	Uma residência familiar é considerada secundária quando é utilizada somente parte do ano, de forma estacional, periódica ou esporádica e não constitui residência habitual de uma ou várias pessoas. Pode ser, portanto, uma casa de campo, praia ou cidade utilizada nas férias, verão, finais de semana, trabalhos temporais ou em outras ocasiões (COLAS, 2003, p. 29).
Brasil	Domicílio de uso ocasional - é o domicílio particular permanente que na data de referência servia ocasionalmente de moradia. Ou seja, são aqueles usados para descanso de fins de semana, férias ou outro fim, mesmo que, na data de referência, seus ocupantes ocasionais estivessem presentes (BRASIL, 2010).
Hiernaux-Nicolas (2005)	O turismo de segundas residências é aquele através do qual as pessoas se deslocam a um destino ou uma localidade que não é necessariamente turística, onde ocorre a posse de um imóvel através da compra, aluguel, ou empréstimo e no qual pernoitam e realizam atividades de ócio e esparteramento (HIERNAUX-NICOLAS, 2005, p. 03).

Fonte: Adaptado de Nunes (2016).

Ainda nas discussões de âmbito conceitual, Arrais (2014) coloca que existem duas perspectivas de segunda residência nos estudos acadêmicos: a primeira é uma perspectiva ligada ao turismo, em que o objetivo e as motivações são os deslocamentos para essas casas; já a segunda está conectada às questões da geografia urbana e ao imobiliário turístico, com destaque para as áreas litorâneas.

Correa (2016) faz uma crítica em relação ao fenômeno da segunda residência, devido às suas relações com o mundo capitalista e às questões que as permeiam:

fundamentada na ideia do lazer e do turismo, a segunda residência está relacionada ao processo de expansão capitalista. O fenômeno da segunda residência tem implicações espaciais que interferem na produção e consumo do espaço geográfico. A segunda habitação, vista à luz da prática de lazer, do uso do tempo livre e do turismo, implica em interesses, articulações e conflitos no espaço urbano litorâneo. A discussão teórica sobre o conceito de segunda residência se faz normalmente tendo como base duas perspectivas. Um ponto de vista está ligado ao turismo e ao lazer, analisando, entre outros elementos, as motivações e origens dos deslocamentos, os principais destinos turísticos e as transformações espaciais e sociais resultantes desta prática. A outra perspectiva analisa o conceito baseado na geografia urbana e no processo de produção e consumo do espaço urbano litorâneo, resultante da prática de frequentar segundas residências para atividades de lazer e permanência por algumas temporadas (CORREA, 2016, p. 297).

Assis (2003) considera que a segunda residência pode ser um alojamento turístico particular, ou seja, de propriedade privada. A questão da propriedade nos remete às características básicas da segunda residência – a renda como fator importante e diferencial que define quem pode possuir, além do domicílio permanente (primeira residência), outro destinado ao lazer de finais de semana e das temporadas de férias. Possuir uma segunda residência necessita da disponibilidade de uma boa renda, pois existem custos como compra de terreno, construção (ou compra do imóvel), impostos, gastos com manutenção e até o meio de transporte até esta residência entra nos gastos. A segunda residência é uma atividade elitista, que simboliza status social. Porém, mesmo precisando-se de uma boa condição financeira, a segunda residência torna-se mais atrativa e acessível a famílias de classe média, se comparado a férias com grandes viagens e gastos, e em vista disso acaba sendo uma alternativa mais em conta (ASSIS, 2003).

Assis (2003) conceitua o fenômeno da segunda residência em três pilares: propriedade, temporalidade e finalidade:

Tabela 2 - Conceitos sobre o fenômeno da segunda residência.

	CONCEITO
Propriedade	Primeiro, considera-se a segunda residência um alojamento turístico particular, ou seja, de propriedade privada. Esta questão da propriedade nos remete à característica básica da segunda residência – a renda como fator diferencial que define quem pode possuir, além do domicílio permanente (primeira residência) um outro destinado ao lazer de finais de semana e das temporadas de férias.
Temporalidade	A segunda questão que o conceito de residência secundária remete é a temporalidade. Sendo um domicílio de uso ocasional de finais de semana ou de temporadas de férias para fins de recreação e lazer, a segunda residência pressupõe, indubitavelmente, a existência por parte do proprietário de um outro domicílio de uso permanente (também conhecido como principal ou primeira residência) onde ele habita na maior parte do ano.
Finalidade	A terceira questão que permeia o conceito de residência secundária é a finalidade. Marco da sociedade “pós-industrial”, o direito ao tempo livre é uma das grandes conquistas sociais do mundo do trabalho que tem na segunda residência uma das suas modalidades de usufruto. A busca da recreação e do gozo do tempo livre é, sem dúvida, a principal finalidade das construções das segundas residências.

Fonte: Adaptado de Assis (2003, p. 113).

Por outro lado, além de o fenômeno da segunda residência ser considerado por vários autores como turismo, domicílio de uso ocasional e também um lugar para descanso, alguns autores mostram que o fenômeno da segunda residência pode levar o sujeito a gostar da casa em que está, ou seja, ele precisa se apropriar deste local, identificando-se com o mesmo, como mostram Fonseca *et al.* (2013):

o tempo de estada e a intensidade vivida no lugar - como o andar pelas ruas da comunidade, o encontro com amigos e familiares, o banho de mar, o contato direto com o ambiente natural, entre outras formas de lazer e socialização - são fundamentais no processo da criação da identidade dos moradores de segunda residência. Neste contexto, por mais que a segunda residência em locais de veraneio apresente um sentido de fuga e de isolamento dos contextos urbanos, a escolha do lugar se dá em função não apenas dos recursos naturais que o local oferece, mas também pela necessidade de participar de uma "comunidade simbólica". (...). Neste caso, a identidade dos moradores de segunda residência em relação ao lugar manifesta-se por meio de inúmeros elementos adquiridos que transmitem significados em função do tempo vivido. Por exemplo, a quebra da rotina, o descanso, o lazer, o contato com o ambiente natural, com demais moradores, lembranças, entre outros. À medida que o tempo de residência e período de permanência se estendem intensifica-se os valores atribuídos ao lugar e, conseqüentemente, a relação identificatória, afetiva e familiar (FONSECA *et al.*, 2013, p. 13-14).

O autor observa que o sujeito, além de estar nesta casa, precisa apropriar-se dela, para que adquira algum significado que não seja apenas cognitivo, mas que também o leve a acessar os âmbitos estéticos e simbólicos.

## 2.6 A CASA: SUAS RELAÇÕES E SIGNIFICADOS

De forma direta, existem diversas definições do que é uma casa. O Dicionário Michaelis (2015) traz aproximadamente 20 significados para essa palavra, dos quais pode-se destacar: “construção destinada a moradia”, “domicílio de um grupo de pessoas que vivem sobre o mesmo teto” e “conjunto de assuntos domésticos”. A casa, no primeiro momento, possui a conotação física de um ambiente entre paredes, onde as pessoas simplesmente moram.

Os seres humanos são, além de biológicos, seres sociais, que estão inseridos em um espaço social e interagem com este e seus indivíduos. O local que uma pessoa ocupa pode ser definido como uma extensão, onde as medidas do ambiente passam a ser suas medidas externas (BOURDIEU, 2013). Segundo Bachelard (1993), o espaço em que se mora ultrapassa o espaço desenho, o espaço geométrico, o espaço físico. A casa é o canto do nosso mundo, e é nela que ocorre, de forma rica e elaborada, toda a carga de imaginação e simbologia que envolvem a relação do homem com a sua casa, a casa concreta, do desenho geométrico, e a casa das lembranças, e dos devaneios.

Bachelard (1993) coloca que a casa possui, à primeira vista, uma característica puramente visual e física para o ser humano, algo geométrico. Características sólidas e retas ficam em evidência devido a sua capacidade de confortá-lo intimamente, defendendo-o do exterior. Essa é sua realidade inicial, facilmente perceptível, e somos tentados a analisá-la desta forma.

Para Rybczynski (2002), a casa é conhecida nos dias de hoje como um modo de habitação relativa recente na história da humanidade. Na idade média não era estabelecida para o homem a consciência de um mundo interior, que o levasse ao conceito de privacidade ou de intimidade. Intimidade esta que não tinha o conceito menos ligado à funcionalidade e mais ao modo como o aposento comunica a personalidade de seu dono. A vida tinha uma conotação mais pública, e dessa forma as pessoas não tinham uma forte consciência de si, sendo assim elas também não tinham um quarto próprio. Rybczynski (2002) coloca, a respeito da transformação gradativa em relação à estrutura familiar, que as

famílias extensas que habitavam na idade média agora surgem de forma “nuclear”, sendo compostas por pai, mãe e filhos, e ainda pode ser considerada como modelo predominante na sociedade contemporânea.

De acordo com Rybczynski (2002), a casa deixou de ser apenas uma proteção física contra invasores, perdendo a definição única de abrigo, e passando a ser algo mais. Casa agora significa um ambiente familiar, um lugar de afeição e satisfação, e tudo o que está dentro ou em torno dela passa a ser seu lar, principalmente as pessoas que a integram.

Seguindo essa linha de pensamento, entra-se no âmbito da psicologia ambiental, uma área multidisciplinar que envolve estudos nas áreas de geografia, ecologia, ciências sociais, arquitetura, e áreas da psicologia como psicologia social, comunitária e comportamental (FREIRE; VIEIRA, 2006). O autor afirma que existe uma relação entre o sujeito e o ambiente que é contrária ao que normalmente se pensa: nós pertencemos aos lugares, e não eles a nós. Existe uma ligação sentimental por todos os lugares que já frequentamos, então o conceito de “ser propriedade de” passa a ter menos força, visto que existe essa relação mútua. A proposta da Psicologia Ambiental pode ser uma experiência que vai além de um conceito simples como “dever”, é criado a partir de uma identidade e do cuidado com o próximo, que envolve o ambiente à sua volta (FREIRE; VIEIRA, 2006).

Melo (1991) afirma que o estudo da psicologia ambiental passou a ser tratado como uma inter-relação entre o ambiente físico (sendo ele algo natural ou construído pelo homem) e o sujeito (fisicamente e comportamentalmente). O ambiente influencia o comportamento do homem, e este por sua vez acaba influenciando o ambiente novamente, criando uma espécie de ciclo (pensamento compartilhado também por LONGHINOTTI, 2010). Nas palavras de Melo (1991): “[...] poderemos transformar a cozinha em um quarto de dormir, se assim desejarmos, colocando uma cama no local durante a noite, no caso de não ter outro espaço adequado para uma visita dormir, por exemplo” (p. 87).

Bachelard (2000) visa, em suas investigações, a determinar o valor humano dos espaços, posses, dos espaços definidos contra as forças adversas, dos espaços humanos. A casa é vista sob um olhar poético, e faz um paralelo entre a estrutura da casa e a estrutura da nossa alma. A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade, um ser vertical e concentrado, propondo a oposição entre a racionalidade do teto e a irracionalidade do porão (BACHELARD, 2000).

Heimstra e McFarlin (1978) definem a residência como um conjunto de componentes (salas e afins) que formam um sistema maior que possui vários objetivos, como um abrigo físico, psicológico e local de lazer. A residência faz parte ainda de outro

sistema maior, a vizinhança, onde se estabelece certa relação com o próximo. Tais características que a residência proporciona (necessidades saciadas), em conjunto com a rede de moradias, cria novas perspectivas para o conceito de *habitação*, surgindo outras alternativas para as tradicionais casas. Residências modulares com materiais alternativos surgem em um cenário onde cada vez mais há menos espaço para novas casas, trazendo uma solução, mas colocando em jogo alguns fatores como o conforto.

Relativamente ao conforto, Rybczynski (2002) coloca que não foi algo que esteve sempre presente na história das habitações. O autor afirma que foi algo desenvolvido durante um grande período, e que na Inglaterra, sendo trazido da França, assume o significado de domesticidade. A casa da burguesia na Inglaterra era um local isolado que só permitia a entrada de pessoas selecionadas, pois se tratava de um lugar onde o resto do mundo era excluído, e a privacidade tornou-se um valor muito importante.

Günther, Pinheiro e Guzzo (2004) afirmam que os desejos e as necessidades humanas sofrem variação no tempo e no espaço. Os autores colocam que apesar da impossibilidade de prever mudanças ao longo prazo, sendo necessidades repetidas em prazo de tempo conhecido e limitado (dias, meses, estações etc.), cria-se ritmos de vidas previsíveis. Imagina-se conscientemente o ritmo dos desejos e necessidades, e o homem ajusta seus comportamentos a um único objetivo de satisfazê-lo. O lar (casa), com suas áreas funcionais como os quartos, cozinha, banheiro e varanda, são exemplos claros da previsibilidade que é exercida pelo ser humano. O mesmo constrói para usufruir dos espaços projetados e usá-los conforme necessidades como o sono, em que o indivíduo passa oito horas dormindo em seu quarto a fim de satisfazer uma necessidade fisiológica.

Pode-se analisar ainda outros aspectos da casa em uma linha de pensamento voltado para o significado, como *a porta*. Presente fisicamente, ela representa a divisão de espaços, mas em um âmbito mais psicológico traz consigo a ideia de abertura e fechamento, uma ideia de separação de locais e da escolha de transitá-los ou não. Parte de uma ideia de liberdade, onde o indivíduo sai para o mundo, ou então de acolhimento, onde o indivíduo isola-se deste. Possui ainda a divisão daquele que se considera habitante e do outro que passa a ser o visitante (GÜNTHER, PINHEIRO e GUZZO, 2004).

Günther, Pinheiro e Guzzo (2004) completam ainda com uma perspectiva de atitudes, na qual o posicionamento de uma porta (aberto, fechado) e a posição do homem (fora, dentro) refletem diretamente em questões de relacionamento. Até mesmo a maneira como alguém passa por ela pode mostrar o atual estado emocional da mesma: alguém irritado que passa com passos pesados e bate a porta, ou então uma pessoa que abre a

mesma devagar com receio de estar perturbando alguém. Essas observações deixam evidente como as pessoas transmitem seus sentimentos para o ambiente da casa, e como esta os revela.

Heimstra, McFarlin e Schimidt (1978) abordam o ambiente como um sistema de vários níveis, que estão sempre em influência do outro: uma sala está localizada em uma casa, que está localizada em uma cidade, dentro de um estado, em uma nação, fazendo parte de um continente. Dessa maneira, o comportamento do indivíduo dentro da sala está sob influência dos demais níveis existentes. Além disso, há influências ainda da cor e tamanho do ambiente, do mobiliário presente, que, dependendo da utilidade ou disposição, pode incentivar uma conversa ou uma ação.

O conceito de espaço pessoal é uma ótima forma de demonstrar as influências do ambiente. O espaço pessoal é um pequeno território em volta de um indivíduo que marca seu limite de conforto; assim, quando alguém o invade, é de se esperar como resposta uma reação do mesmo, como se afastar ou até mesmo solicitar uma ação semelhante do próximo. Esses limites variam conforme a situação e o ambiente: em um local com muito tumulto ou fila, o espaço pessoal é quase reduzido a zero. Quando se trata de conhecidos, amigos, parentes ou pessoas com as quais o indivíduo se relaciona, os limites se alteram por escolha do mesmo (HEIMSTRA; MCFARLIN; SCHIMIDT, 1978).

Outro aspecto do comportamento espacial humano, frequentemente difícil de ser separado da manutenção do espaço pessoal, é a territorialidade. [...] Uma pessoa demarca um território, usando aspectos existentes de seu ambiente ou pela modificação de seu ambiente para estabelecer marcações ou limites. Estas linhas de demarcação são entendidas e respeitadas por outros indivíduos (HEIMSTRA; MCFARLIN; SCHIMIDT, 1978, p. 44).

Quando se fala em uma casa única e exclusivamente para uma família, entra-se neste assunto individual, fora questões sociológicas. A possibilidade de ter uma casa e um terreno para a família reforça a ideia de territorialidade, na qual há um local para realizar as atividades de lazer ao ar livre, ou fazer modificações na casa, customizando-a, sem se preocupar com outras famílias ao redor incomodando-se com os barulhos (HEIMSTRA; MCFARLIN; SCHIMIDT, 1978).

Na pesquisa realizada por Heimstra, MacFarlin e Schimidt (1978), destacou-se estes aspectos em residências que, além de possuírem características próprias de privacidade, estavam localizadas em uma distância relativa de casas vizinhas, em uma localização mais afastada e até mesmo a orientação de suas portas influenciavam no

conjunto. Constatou-se a satisfação de grande parte dos moradores com suas respectivas casas.

Existem ainda as habitações coletivas, constituídas pela residência de mais de uma família no mesmo local, com casas que compartilham do mesmo piso, teto ou paredes. Nem todas possuem uma área aberta compartilhada para atividades de lazer, o que compromete a satisfação em certos aspectos, devido à falta de privacidade. Relata-se como as características do ambiente influenciam certos tipos de comportamento (HEIMSTRA; MCFARLIN; SCHIMIDT, 1978).

As diferenças entre esses tipos de residências são consequências do capital disponível pela família na hora de comprar ou construir. Bourdieu (2013) afirma que o ser humano se apropria do espaço material e simbólico dependendo da sua condição financeira. Esta possibilita que uma pessoa adquira os bens que queira e tenha contato com aqueles de que gosta, ao mesmo tempo em que permite evitar o contato com aqueles que não o agradam. Assim sendo, o processo de apropriação de um espaço toma a forma desejada quando há capital, mas limita-se quando não há.

De acordo com Eigner (2000), a unidade familiar (membros da família) entrelaça-se com a casa, pois mesmo existindo várias pessoas que vivem sozinhas, a maioria reside em suas casas junto de suas respectivas famílias. Segundo ele, na Roma Antiga a família não era composta apenas por aqueles que possuíam laços de sangue ou matrimoniais, mas também por todas as pessoas que frequentassem o ambiente da casa.

Os conceitos de casa e lar vêm sofrendo grandes mudanças ao longo dos anos, mas as suas essências permanecem as mesmas, podendo ser traduzidos como um lugar do indivíduo, que fornece abrigo, bem-estar e conforto. O indivíduo se utiliza destes e de seus objetos para construir suas referências, com as quais constrói o próprio mundo (MAYNARDES, 2016). Maynardes (2016) cita os móveis como os principais transformadores domésticos dentro da vida privada de uma pessoa, e, por serem produzidos pelo homem, transmitem o modo de pensar e agir, além de serem indicadores do estado tecnológico no qual o indivíduo está inserido.

Maynardes (2016) afirma que, apesar de continuar com a mesma essência, a casa atualmente deixa de ser apenas proteção, algo fechado. A partir das tecnologias que nela estão presentes, a casa passa a ser aberta ao mundo, possibilitando uma ampla comunicação e obtenção de informações; sua esfera é penetrada, tornando-se um ambiente inconstante. Dessa maneira, passa a ser algo adaptável, flexível e de múltiplos usos.

Ficam evidentes os valores físicos e psicológicos que a casa possui. Ela representa para o indivíduo um local de reconforto e segurança, que o permite sonhar. Possibilita a conexão de momentos emocionalmente intensos, em uma atmosfera única que permite relaxar. Portanto, família e casa são praticamente sinônimos (EIGUER, 2000). Nas palavras de Bachelard (1993, p. 23): “se nos perguntassem qual o benefício mais precioso da casa, diríamos: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz. Só os pensamentos e as experiências sancionam os valores humanos”.

## 2.7 A CASA COMO APROPRIAÇÃO DO SUJEITO

A casa é um lugar de convivência social e individual, onde sonhos, inseguranças, medos e alegrias dos sujeitos convivem. Sendo assim, torna-se um lugar de experiências, denominado, para muitos, como refúgio.

A casa não pode ser compreendida somente no âmbito funcional, cognitivo, como afirma Gonçalves (2014, p. 85): “houve uma evolução, mas permaneceu a mesma função, qual seja: a casa serve para abrigar o corpo; mantê-lo abrigado em um lugar para dormir, comer, banhar-se, entre outras coisas”. Porém, o sujeito precisa entender o motivo de ter um lar e sua relação com o mesmo, pois, segundo Bachelard (1989, p. 01), “a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos”.

Partindo desse pressuposto, é importante observar as questões de subjetividade individual e social do sujeito que é morador de uma residência. Para Bock (2001),

[...] o fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constitui na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundir. A linguagem é mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. O mundo psicológico é um mundo em relação dialética com o mundo social. Conhecer o fenômeno psicológico significa conhecer a expressão subjetiva de um mundo objetivo/coletivo; um fenômeno que se constitui em um processo de conversão do social em individual; de construção interna dos elementos e atividades do mundo externo. Conhecê-lo desta forma significa retirá-lo de um campo abstrato e idealista e dar a ele uma base material vigorosa (BOCK, 2001, p.23).

Gonçalves (2014) elenca seis conceitos importantes para análise do sujeito em relação a sua casa: identificação, personificação, cultivação, sentimento de pertença, lugar essencial e identidade do lugar.

Tabela 3 - Conceitos sobre o processo de apropriação da casa.

Conceitos	Definições
Identificação	O processo de identificação, que é o primeiro passo no processo de apropriação, fica evidenciado pela maneira como o sujeito organiza a casa, trazendo elementos de sua cultura, quando “forasteiros”, ou elementos de sua história de vida, como objetos que lembram as diversas fases da vida. E ao se chegar como forasteiro em um lugar há que se costurar um processo de interação que sem os elementos identificatórios torna-se muito mais difícil (GONÇALVES, 2014, p. 99).
Personificação	Esta outra fase do processo de apropriação está sendo percebida e captada e nas formas como a pessoa organiza. O processo de personificação fica evidente pelas fotografias expostas nos retratos e pelos objetos de decoração feitos pelo próprio morador (GONÇALVES, 2014, p. 101).
Cultivação	Cultivar a casa simbólica é atribuir-lhe lugares onde as dimensões estéticas e simbólicas de subjetividade se manifestam. A memória e o convívio também são cultivados na maioria das casas visitadas (GONÇALVES, 2014, p. 101-102).
Sentimento de pertença	Sentir-se pertencente a um lugar é apropriar-se do mesmo, personificá-lo e cultivá-lo. Como a maioria dos participantes da pesquisa apropriou-se da casa, ficou explícito que se sentem pertencentes a ela (GONÇALVES, 2014, p. 102).
Lugar essencial	A casa com alma não prescinde da edificação concreta, do traçado do arquiteto, do cálculo do engenheiro ou da mão ou do homem simples que constrói sua própria casa. Esse é o invólucro da casa simbólica (GONÇALVES, 2014, p. 102).
Identidade do lugar	A formação da identidade de lugar é decorrente da apropriação do espaço. Essa, por sua vez, é compreendida como o sentimento de possuir e gerenciar um espaço por uso habitual ou por identificação. Um sujeito, ao apropriar-se de um lugar, com o tempo deixa sua marca e, ao transformá-lo, inicia um processo de reapropriação com o ambiente, colocando nele objetos com o qual se identifica (GONÇALVES, 2014, p. 103-104).

Fonte: Adaptado de Gonçalves (2014, p. 99-103).

Nessa perspectiva, para Gonçalves, “o ambiente é a vivência concreta do sujeito, no qual ele trabalha, constrói sua casa, faz sua poética, constrói laços, apega-se, sente-se pertencente àquele lugar” (GONÇALVES, 2014, p. 28). O sujeito precisa entender

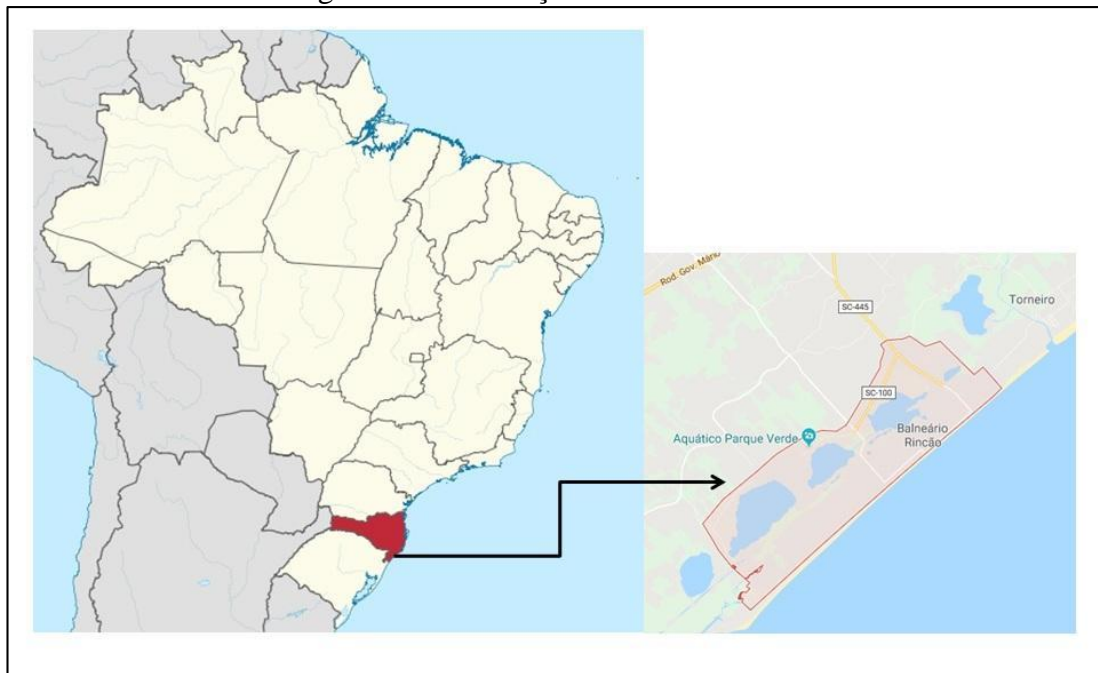
a casa para então se inserir e compreender o espaço no qual está inserido, permitindo então o acesso não somente à dimensão cognitiva, mas também à estética e simbólica.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 ÁREA DE ESTUDO

O município de Balneário Rincão está localizado na região sul do Brasil, no estado de Santa Catarina. Possui 13 quilômetros de orla marítima e tem seis lagoas de água doce.

Figura 1 - Localização da área de estudo.



Fonte: Google (2018).

De acordo com dados do IBGE do ano de 2017, a população estimada é de 12.403 habitantes e, na alta temporada, considerada veraneio, chega a 150 mil pessoas. O município de Balneário Rincão, que anteriormente fora um distrito de Içara, foi criado no dia 15 de julho de 1999, e no dia 01 de janeiro de 2013 foi oficialmente reconhecido como município independente.

Em conformidade com o Portal Balneário Rincão, o município possui alguns pontos considerados atrativos, tornando-o um dos lugares mais visitados no sul do Estado de Santa Catarina, principalmente na época de veraneio. Os principais pontos turísticos são:

- Sete lagoas: Urussanga Velha, Lagoa dos Freitas, Lagoa do Jacaré, Lagoa do Faxinal, Lagoa dos Esteves, Lagoa Mãe Luzia e Lagoa do Rincão;
- Parque Aquático; - Mirante da Caixa D'Água;

- Duas plataformas de pesca – Entremares, no Sul, e Plataforma de Pesca do Rincão, no Norte;

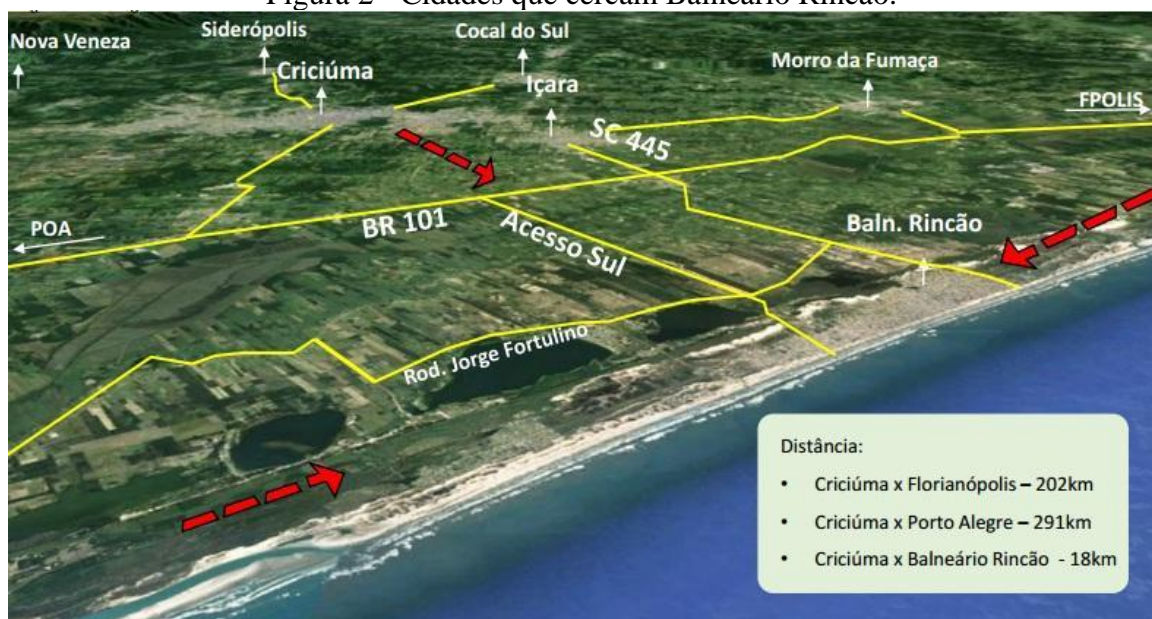
- Campestre Iate Clube;

- Museu arqueológico, instalado na antiga igreja católica, abriga o acervo histórico do município, atraindo alunos e estudiosos da região.

Outros pontos turísticos do Balneário Rincão são os meios naturais, tais como: dunas, lagoas e o mar, ou meios construídos, como as plataformas Sul e Norte.

Conforme Ab’Sáber (2006), o litoral de Santa Catarina é representado por baías marinhas no litoral norte, promontórios, ilhas e enseadas no litoral centro; e pelo rosário de lagoas do litoral sul. Cada região, com suas particularidades, forma um litoral de diversificadas belezas. O sul do estado, com característica mais retilínea, é formado por lagoas interligadas posicionadas um nível acima do oceano, proporcionando paisagens de grande qualidade visual. É composto por doze lagoas principais: Urussanga Velha, Freitas, Jacaré, Rincão, Faxinal, Esteves, Mãe Luzia, Dourada, Serra Caverá, Fora, Sombrio e Braço Morto. Ab’Sáber (2006) afirma ainda que existe uma setorização prévia do litoral brasileiro, e Balneário Rincão pertence ao litoral de Araranguá, no primeiro trecho da linha de costa retilinizada que se prolonga para o Sul, com lagoas semialinhadas entre feixes de restingas de diferentes idades. Situa-se no trecho interrompido nos morrotes de Torres, na fronteira do Rio Grande do Sul com Santa Catarina.

Figura 2 - Cidades que cercam Balneário Rincão.



Fonte: Organizado por Vanessa de Souza Antunes e adaptado pelo autor.

Os 13 quilômetros de extensão de praia de Balneário Rincão são divididos em duas partes: zona norte e zona sul, sendo a zona norte a mais antiga e a primeira habitada, e guardando um dos pontos turísticos, que é o museu arqueológico Nossa Senhora dos Navegantes, onde são guardados histórias da humanidade e do homem do Sambaqui. O museu, que antes era uma Igreja Católica, foi inaugurado no ano de 1997 (FERNANDES, 2006).

Figura 3 - Museu arqueológico.



Fonte: Google, 2017.

Outro ponto importante a ser analisado em relação a Balneário Rincão é sobre o senso das casas permanentes. O censo considera somente as casas particulares, que tenham moradores que residem o ano inteiro na casa. Segundo o IBGE, existem 3415 domicílios particulares considerados permanentes, sendo 3254 do tipo casa, 17 do tipo vila ou condomínio e 128 apartamentos.

### 3.2 CONTEXTO HISTÓRICO DE BALNEÁRIO RINCÃO

Conforme Fernandes (2006), para falar das origens de Balneário Rincão, colocando-se em uma data inicial histórica, é preciso ir muito além da história do município de Içara, que abrangia também o município de Rincão. Para isso, é necessário

voltar a 2000-4000 anos de acordo com o sítio arqueológico pré-cerâmico, que aponta a existência do homem dos sambaquis. Fernandes (2006) aponta que o sítio Arqueológico foi construído por um grupo de caçadores e coletores pré-históricos, que na ocasião instalam sua aldeia nas dunas e vivem de caça, pesca e coleta de moluscos e vegetais. Amostras de materiais líticos, compostos por lascas fragmentadas de polidores e seixos com cavidades polidas, marcam a presença do ser humano em toda a extensão de Balneário Rincão. Além desse fato, desde 1560, europeus vindos por meio da navegação e indígenas andavam por toda a praia, que oferecia um lugar seguro.

De acordo com Fernandes (2006), para compreender a história de Balneário Rincão é preciso voltar ao ano de 1676, quando Francisco de Brito Peixoto fundaria Laguna, a grande sesmaria que se estendeu por todo o sul de Santa Catarina. Já no ano de 1715, Francisco de Brito Peixoto recebia ordens do governador do Rio de Janeiro, Francisco de Távora, para abrir um caminho por terra, ligando a cidade de Laguna à possessão portuguesa, até a Colônia de Sacramento. O feito foi comandado por João de Magalhães, que em duas expedições sucessivas conseguiu realizar o trabalho. Essas ações estabeleceram núcleos de povoamento, travando relações amistosas com indígenas e costeando toda a orla marítima até o extremo sul apoiando-se em dois objetivos:

a) a política de expansão da Coroa Portuguesa;

b) a sobrevivência da economia paulista com a aquisição de gado bravo dos pampas e a presença humana, marcando a posse das terras sob domínio da Coroa Portuguesa. Sendo assim, a Capitania de Santa Catarina teve duas bases de penetração ao Sul, pois, em 1735, o sargento-mor José da Silva Paes enviou Cristovão Pereira de Abreu e Francisco Bandeira para a abertura do caminho de Laguna ao Rio Grande de São Pedro.

Ainda conforme Fernandes (2006), no ano de 1737 o vice-rei do Brasil, Gomes Freire de Andrade, em ofício à Câmara de Laguna, ordenou que fossem arrematados os passos dos rios de Araranguá e Tramandaí em favor dos cofres de Laguna. Nessa extensão estavam inclusas as margens da barra velha do Araranguá, onde atualmente está a povoação de Barra Velha.

Outro dado importante que a autora coloca é que no ano de 1738, Laguna foi desmembrada da Capitania de São Paulo. Nessa época, o sargento José da Silva Paes recebe o título de Brigadeiro, sendo nomeado primeiro governador da vasta região Sul, indo até a Colônia do Sacramento. O então brigadeiro deu força ao projeto de trazer para a Província de Santa Catarina os casais açorianos para acelerar a povoação e a colonização, e assim efetuar a ocupação do Sul em favor da Coroa Portuguesa.

A autora informa também que nos anos de 1748 a 1753 casais açorianos, depois de passarem pelo posto de triagem, na vila do Desterro, partiram para ocupar a sua sesmária. Por preferirem a segurança e estabilidade das vias terrestres, desceram costeando a orla marítima fazendo pouso e ocupando rincões desabitados. No século XVIII, a localidade de Urussanga Velha foi povoada e o mar era caminho das idas e vindas entre o Sul e outras regiões do País. Balneário Rincão foi povoado e pensado pelo Brigadeiro José da Silva Paes como um projeto das sesmarias para a emigração dos casais açorianos (FERNANDES, 2006).

Conforme Fernandes (2006), as sesmarias foram divididas e diferenciadas por tamanho. Todo o espaço que era dado como devolução tornava-se propriedade do governo e conseqüentemente ia para novos leilões. O sistema de sesmarias deu origem a Balneário Rincão, que foi primeiramente povoado pela Urussanga Velha, espalhando-se para outras localidades da região até a ocupação do centro de Balneário, a cidade sede do município. Nos documentos oficiais, encontra-se a denominação de Rincão Comprido para a área urbana, mas o povo sempre a denominou de Praia do Rincão.

Quando o lagunense Jerônimo Francisco Coelho (1806-1860), que havia sido deputado provincial de Santa Catarina (1835 a 1847), assumiu a presidência da Província de Rio Grande do Sul (abril de 1856 a março de 1857), enviou uma correspondência ao Presidente da Província de Santa Catarina, João José Coutinho, sugerindo que fosse realizado um trabalho conjunto das duas províncias para abrir uma estrada entre Laguna e Porto Alegre. O governo catarinense ficaria responsável em construir três casas de pousos (Camacho, Rincão Comprido e Lagoinha – atualmente em Balneário Arroio do Silva) e instalar seis passagens de rios (SANTA CATARINA, 1857).

Outro ponto que Fernandes (2013) coloca sobre a emancipação do Balneário Rincão é que

assim que deixou o governo gaúcho, Jerônimo Coelho, por ordem do Presidente da Província do Rio Grande do Sul, Patrício José Correia da Câmara, foi designado para viajar até Laguna com o objetivo de iniciar os trabalhos de construção das casas de pousos, balsas e abertura da estrada. No dia 31 de janeiro de 1858, o 1º Tenente Engenheiro Sebastião Antônio Rodrigues Braga, assumiu os trabalhos. Após concluir as obras da casa de pouso no Camacho, Braga seguiu em direção ao sul, 12 léguas (58 km), onde instalou em Rincão Comprido no dia 25 de fevereiro de 1858, dando início a construção da casa de pouso e de quatro ranchos para aquartelamento, depósito de mantimentos e ferramentas (BRAGA, 1858).

A autora afirma que as obras eram realizadas por soldados da Guarda Nacional, que seriam os “africanos livres” e escravizados vindos do Arsenal do Rio de Janeiro. No

dia 16 de julho de 1858, o 1º Tenente de Engenheiro Sebastião de Souza e Mello assumiu os trabalhos e projetos, permanecendo até o dia 22 de novembro de 1859. Já Francisco Carlos de Araújo Brusque comandou os trabalhos de Rincão Comprido até o 27 de setembro de 1860, quando os trabalhos foram totalmente finalizados. A casa de descanso no Rincão Comprido foi entregue para sua conservação a Candido Silveira de Mattos, que na ocasião fundaria uma futura hospedaria. Em 21 de fevereiro de 1865, foram solicitados por Sebastião de Souza e Mello recursos ao governo da província catarinense para que se pudesse concluir as obras da casa de pouso do Rincão Comprido. Na cartografia do século XIX, encontra-se o nome de Rincão Comprido em três mapas.

O primeiro é de 1816, e que está disponível no Arquivo Histórico do Exército no Rio de Janeiro, intitulado “Continuação do mapa da Estrada da Corte do Rio de Janeiro para a Capitania do Rio Grande de São Pedro até a Vila de Porto Alegre”, detalha o caminho do litoral entre Porto Alegre e São José da Terra Firme mostrando rios e lagoas. Entre os rios Urussanga e Araranguá temos as seguintes lagoas: Mãe Luzia, Anastácio (atual Esteves), Faxinalinho (atual Faxinal), Rincão Comprido, Mãe Damiana (atual Freitas) e Urussanga. O segundo mapa, de 1842, é a “Carta Corográfica da Província de Santa Catarina”, disponível no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, elaborada por José Joaquim Machado de Oliveira, mostra que entre os rios Urussanga e Araranguá, localizava-se o Campo do Francês, com as lagoas da Mãe Luzia, Anastácio, Faxinal, Rincão Comprido, Cômoros (atual Freitas) e da Urussanga (FERNANDES, 2013).

Segundo a autora, na “Carta Geográfica Representativa do Traçado do Canal Príncipe Dom Affonso da cidade de Laguna a Porto Alegre”, de 1887, que fora elaborada por Eduardo José de Moraes, disponível na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, aparecem novamente as lagoas dos Esteves (antiga Anastácio), Faxinal, Rincão Comprido e Estalagem (atual lagoa Freitas). A Lagoa do Rincão Comprido aparece na cartografia do século XIX (1816, 1842 e 1887), na qual ficam as lagoas do Rincão e do Jacaré, na região atual do município de Balneário Rincão.

Fernandes (2013) afirma que Manoel Ignácio Nascimento e Valeriano Recco, moradores dos Ausentes, construíram um rancho de pesca de pau-a-pique, coberto de palhas, próximo ao arroio. O rancho tinha como finalidade possibilitar descansar os pertences e acender a fogueira, e, nas noites de pescarias, servia para proteger-se dos temporais. Quase na mesma época um casal fixou-se na praia do Rincão, onde vieram a morar em um casebre coberto de madeira. Depois disso, o marido abandonou a morada, e a esposa foi morar em Urussanga Velha.

Os habitantes de Urussanga Velha, Pedreiras, Rio Acima, Faxinal, Ausentes, lagoa do Zé Réus e as demais localidades, desfrutavam do mar para seu mantimento e sobrevivência, porém mantinham suas residências além das lagoas, onde as terras eram próprias para a agricultura e pecuária. Na ocasião, plantavam mandioca, que era transformada em farinha nos engenhos, a cana, utilizada para fazer o açúcar, e o algodão, para a produção de tecidos nos teares (FERNANDES, 2013).

Conforme Fernandes (2013), com a exploração do carvão na região e a expansão do município de Criciúma, a praia do Rincão começou a ser conhecida por pessoas mais ricas que a visitavam para banhar-se no mar. Depois dessa experiência, os até então visitantes viraram veranistas, procurando as brisas marítimas. Porém, as dunas impediam a passagem dos veículos. Os ventos eram fortes, tornando a estrada intrafegável por causa do acúmulo da areia.

Criou-se então uma espécie de posto de passagem para os veranistas, próximo à Lagoa dos Freitas. Famílias já instaladas ali como Luís Fernandes e Vital Mariano, guardavam os automóveis, e as pessoas seguiam a pé, acompanhando a mudança que seguia em carro de boi. Nesta época procurava-se todo tipo de solução para conter as areias do caminho. Uma das soluções foi a esteira tecida com junco, ou as taipas tecidas com palhas que eram colocadas sobre as dunas para impedir que o vento levantasse as areias. A estrada também era coberta com juncos; porém nada continha a dança das dunas e as areias invadiam o caminho, desafiando o trabalho de Vicente de Jesus e Antônio Pereira (encarregados das esteiras) (FERNANDES, 2013).

Balneário Rincão era habitado inicialmente por descendentes açorianos, que tinham como hábito alimentar o pescado com peixes na brasa, ensopado ou em caldos, acompanhado de pirão d'água ou de feijão, e outros frutos do mar como siris e mariscos (maçambiques), que eram abundantes e também acompanhantes nas refeições. Na comunidade, os homens tinham a prática de consertar suas tarrafas, redes, cocas, coves e jiquis, e faziam os balaios para buscarem os mariscos. Já as mulheres dos pescadores limpavam os pescados, e faziam as refeições, lavavam as roupas no arroio e cuidavam das crianças enquanto esperavam o marido voltar das pescarias. Outro hábito que a comunidade tinha era ir à capela aos domingos para o terço rezado pelo capelão, Antônio Machado. No período da quaresma, havia vias-sacras, confissões e comunhões, os quais faziam parte da celebração de Páscoa da comunidade. O dia 02 de fevereiro era a data dedicada à padroeira da localidade, e havia a festa com novenas de preparação. Os veranistas participavam das festas confeccionando aviãozinho, bazar, arrematação de prendas e a missa.

Nos meses do outono até a primavera, os veranistas retiram-se e a população do Balneário passa a viver a rotina de localidade praieira que, por alguns meses tem uma superpopulação. Mas na maioria dos meses do ano há presença de aposentados que voltam ao Rincão com a saúde já deficitária, para gozar dos benefícios de ares saudáveis nos 12 km de praias (FERNANDES, 2013).

Fernandes (2006) assegura que, por volta de 1960, quando foi solada a estrada para a Praia do Rincão com barro e pirita, aconteceu então um crescimento de moradores e veranistas devido à melhoria do acesso à praia. Passados alguns anos, em conformidade com o site Balneário Rincão, a história inicia pelo movimento de criação do Distrito, em 1999. Depois, o Município entrou em processo de emancipação, aprovada em plebiscito com 53,20 % dos votos, e, assim, criado e delimitado com a Lei estadual nº 12.668 de 3 de outubro de 2003, sancionada pelo então governador. Porém, com a falta de legislação, a criação do município foi impedida. Em 2012, Balneário Rincão passou a realizar eleições e se tornou oficialmente município (FERNANDES, 2013).

### 3.3 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Conforme Marconi e Lakatos (2008), a pesquisa proposta utilizou a metodologia científica para levantar novos conhecimentos no campo do âmbito social, tal como conhecimentos sobre as questões da natureza, as populações e seus grupos territoriais, bem como sua organização e relacionamento.

O espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento. Julga seu passado histórico, condenando-o. Sua estrutura é a consciência de suas faltas históricas. Cientificamente, pensa-se o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, pensa-se a experiência como a retificação da ilusão comum e primeira. Toda a vida intelectual da ciência move-se dialeticamente sobre este diferencial do conhecimento, na fronteira do desconhecido. A própria essência da reflexão, é compreender que não se compreendera (BACHELARD, 1968, p. 147-148).

O método utilizado no projeto foi o qualitativo. Creswell (2007) coloca que o pesquisar, nesse método, precisa estabelecer o significado de um fenômeno a partir do ponto de vista do participante, e para isso é preciso identificar um grupo que compartilhe de sua cultura e estudar como ele desenvolveu padrões compartilhados de comportamento com o passar do tempo. O autor complementa que um dos principais elementos da coleta de dados é a observação e o comportamento dos participantes em suas atividades.

A pesquisa foi de âmbito exploratório, como afirma Koche:

A pesquisa experimental e a descritiva pressupõem que o investigador tenha um conhecimento aprofundado a respeito dos fenômenos e problemas que está estudando. Há casos, porém, que não apresentam ainda um sistema de teorias e conhecimentos desenvolvidos. Nesses casos é necessário desencadear um processo de investigação que identifique a natureza do fenômeno e aponte as características essenciais das variáveis que se quer estudar. Na pesquisa exploratória não se trabalha com a relação entre variáveis, mas com o levantamento da presença das variáveis e da sua caracterização quantitativa ou qualitativa (KOCHE, 2011, p. 126).

O projeto de pesquisa teve como base a pesquisa bibliográfica, contendo bibliografias já publicadas tais como: artigos científicos, dissertações, teses e livros. Gil (1994) coloca que existe uma vantagem em se pesquisar de forma mais generalista, pois o conhecimento fica amplo, ao invés de pesquisar algo de forma direta.

No presente estudo, foi realizada uma pesquisa de campo com o objetivo de levantar informações sobre o problema proposto, a fim de procurar uma resposta, comprovar, ou, ainda, descobrir novos caminhos ou as relações entre eles. Marconi e Lakatos (2008) afirmam que a pesquisa de campo procura levantar dados que permitam responder aos problemas relacionados a um determinado grupo, comunidade ou instituições, com o objetivo de entender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade ou situação, sendo mais frequentemente utilizada pelas áreas das ciências humanas e sociais, mediante técnicas de observação com a utilização de questionários para a coleta de dados.

O projeto proposto utilizou um estudo de caso, que, para Ventura (2007), é um “instrumento de investigação, uma modalidade de pesquisa que pode ser aplicada em diversas áreas do conhecimento. Mostrará a natureza do estudo de caso, seu delineamento como metodologia de investigação e sua aplicação” (p. 383). Ventura (2007) afirma que o estudo de caso, como modalidade de pesquisa, é entendido como uma metodologia ou como a escolha de um objeto de estudo definido pelo interesse em casos individuais. Ainda conforme o autor, este processo visa a investigar um caso específico, bem delimitado, contextualizado em tempo e lugar para que se possa realizar uma busca circunstanciada de informações. Gil (1995) coloca que o estudo de caso não precisa de um roteiro rígido, porém podem ser definidas quatro fases para melhor organização: a) delimitação da unidade-caso; b) coleta de dados; c) seleção, análise e interpretação dos dados; d) elaboração do relatório.

### 3.4 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

O levantamento de dados aconteceu de forma direta, com o recolhimento de informações por meio da utilização de entrevistas semiestruturadas, feitas a partir de um roteiro predeterminado (APÊNDICE). É importante entender, como coloca Gil (1999), que a entrevista é uma técnica que o pesquisador se apresenta frente ao público-alvo e faz questionamentos, com o objetivo de obter dados que interessam para investigação, sendo também uma forma de interação com os indivíduos investigados. Lakatos e Marconi (2008) colocam que a técnica de entrevista é um encontro entre duas pessoas a fim de que uma delas obtenha a informação necessária, e é um procedimento necessário na investigação de âmbito social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de problemas sociais.

Foram entrevistados 11 moradores, com idade entre 31 e 72 anos, que passam o período de veraneio (dezembro a março) em Balneário Rincão, porém mantêm sua residência no meio urbano. Para a realização das entrevistas, foi utilizada a metodologia Bola de Neve, na qual um sujeito que já possui uma convivência com o pesquisador indica outro sujeito para incluir na amostra. Essa metodologia é utilizada quando se trata de populações específicas e de um número pequeno de indivíduos (DEWES, 2013).

Foram coletadas imagens das casas por meio da técnica de fotografia feita pelo próprio pesquisador. Creswell (2007) diz que essa técnica é utilizada dentro da coleta de dados qualitativos e é importante fazer o participante tirar foto ou filmagem. As imagens filmadas resultaram em informações que deram base para o texto escrito. Das cenas de maior importância foram feitas fotos que ilustraram outros dados na pesquisa. Falas e ruídos também foram selecionados, mensurados e discutidos (BELEI *et al.*, 2008).

Outra técnica utilizada no desenvolvimento do projeto foi a de observação. Creswell (2007) afirma que o pesquisador, muitas vezes, se envolve em observações múltiplas durante a realização de um estudo qualitativo e usa protocolos ou formulários para registrar suas informações. O protocolo de observação pode ser uma única página com uma linha divisória no meio para separar as notas que serão descritas (descrição dos participantes, uma reconstrução de diálogo, uma descrição de cenário físico, relato de determinados eventos ou atividades) das notas reflexivas, que são as considerações pessoais do pesquisador, como: especulação, sentimentos, problemas, ideias, pressentimentos, impressões e preconceitos. É possível também registrar, dessa forma, as

informações descritivas sobre o tempo, local e data do cenário de campo no qual a observação ocorrerá.

Lakatos e Marconi (2008) colocam que a observação não é somente o ato de ver ou ouvir, mas compreende também fatos que desejam ser estudados. A técnica ajuda o pesquisador a identificar provas a respeito de questões sobre as quais o indivíduo não tem consciência, mas que orientam seu comportamento. Desse modo, a observação desempenha um importante processo de descoberta, levando o pesquisador a ter contato mais direto com a realidade pesquisada. Lakatos e Marconi (2008) ainda colocam que existem vantagens para utilizar esta técnica:

- Possibilidade por meios diretos e satisfatórios para estudar uma ampla variedade de fenômenos;
- Exige menos do observador do que outras técnicas;
- Permite a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais típicas;
- Depende menos da introspecção ou da reflexão;
- Permite a evidência de dados não constantes do roteiro de entrevistas ou questionários.

Lakatos e Marconi (2008) dissertam que existem vários tipos de modalidades de técnica de observação, e dentro do presente foi utilizada a técnica de observação não estruturada (Assistemática). Esta técnica tem como característica a espontaneidade, informalidade, simplicidade, liberdade e ocasionalidade. Tem como objetivo registrar fatos do cotidiano em que o pesquisador não precise utilizar meios técnicos especiais ou fazer perguntas diretas. “É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados” (p. 192). Vale ressaltar que também foi empregada a técnica de observação de vestígios ambientais, que na pesquisa qualitativa possibilita ao pesquisador observar determinadas particularidades sobre o indivíduo e o lugar e estar imerso nas suas vivências (CRESWELL, 2007).

Após a aprovação no Comitê de ética da UNESC, sob o parecer nº 2.625.752 (em anexo) iniciou-se o procedimento de campo. Foram feitas visitas às casas de praia dos sujeitos envolvidos no estudo. Seus nomes não foram identificados, e os dados foram obtidos através de fotos e registros escritos. O tempo para a realização das entrevistas foi de aproximadamente 1-2 horas. Por fim, a interrupção da coleta de dados se deu no momento em que o pesquisador percebeu que todas as questões propostas no roteiro

semiestruturado foram respondidas e que os sujeitos envolvidos no estudo apresentaram, em suas falas, elementos para análise de seu processo de apropriação do espaço.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Todos os dados coletados através das entrevistas foram transcritos, e alguns trechos foram classificados. Como coloca Ventura (2007), a seleção dos dados considera os objetivos da investigação, seus limites e um sistema de referências para avaliar quais dados serão úteis ou não. Somente aqueles trechos pré-selecionados foram analisados. Foram também utilizadas categorias de análise derivadas do referencial teórico, procurando evitar que a interpretação dos dados não envolva julgamentos implícitos, preconceitos, opiniões de senso comum etc. Assim os dados foram classificados, bem como comentários e observações registradas, e serviram para interpretar o processo de apropriação dos sujeitos em relação às suas casas no município de Balneário Rincão.

## 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

### 4.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Com a realização da pesquisa, pode-se obter uma variedade de dados (fotos, observações e respostas) de 11 entrevistados. Todos eles concordaram em participar da pesquisa, tendo suas verdadeiras identidades ocultas e permitindo o registro visual de suas respectivas residências. Abaixo, segue uma tabela com algumas informações:

Tabela 4 - Sujeitos da pesquisa.

Nome	Idade	Cidade de origem	Profissão	Há quanto tempo possui casa no Balneário Rincão
Marcio	40	Criciúma	Professor	4 anos
Rodrigo	35	Criciúma	Professor e analista de Estudos e Projetos Ambientais	4 anos
Paulo	65	Criciúma	Aposentado	4 anos
Maria	52	Criciúma	Autônoma	7 anos
João	48	Criciúma	Motorista	7 anos
Marcos	57	Criciúma	Representante Comercial	11 anos
Pedro	31	Criciúma	Técnico em Informática	12 anos
Marcelo	55	Criciúma	Empresário	Mais de 15 anos
Gorete	61	Criciúma	Aposentada	18 anos
Rosane	27	Orleans	Professora	15 anos / 30 anos*
Janete	72	Criciúma	Aposentada	42 anos / 52 anos*

\*Casos especiais, nos quais a casa de praia já pertencia à família, portanto as atuais moradoras já a frequentavam antes de efetivamente tornarem-se proprietárias. O quadro apresenta o tempo que a casa está presente na família.

Grosso modo, apenas uma pessoa por família respondeu à pesquisa, sendo esta a proprietária da segunda residência. A única exceção foi Janete, que durante a pesquisa contou com a presença da filha, que se juntou à conversa e contribuiu com as respostas.

A receptividade foi um fator muito importante para a pesquisa, sendo possível de ser identificada através dos discursos dos pesquisados: enquanto alguns foram mais fechados, respondendo somente o necessário, outros se mostraram prontamente ativos, conversando sobre diversos temas e trazendo informações para a pesquisa, mesmo sem ser solicitado.

Como visto anteriormente, Assis (2003) destaca que a aquisição de residências secundárias em locais de lazer e turismo (como as praias) é uma atividade realizada na sua maioria por famílias de classe média. Os pesquisados incluem-se nesta classe social citada pelo autor. Todos os participantes da pesquisa são brancos de classe média, sendo a maioria professor(a) ou aposentado(a).

O autor traz ainda o conceito de *propriedade*, que reforça a ideia de que, por tratar-se de uma propriedade privada (uma segunda casa), é necessário certo poder aquisitivo para possuí-la. Todos os pesquisados possuem uma casa primária e a casa de praia no Rincão, onde passam seus dias de descanso. Pertencentes à classe média, possuem uma profissão que lhes permite manter uma segunda residência sendo a principal pessoa com renda, ou dividindo as despesas com seus familiares.

Por possuírem profissões que lhes garantem uma renda fixa, o acesso a alguns bens de consumo é facilitado. O estilo de vida é um dos elementos dos quais os indivíduos se utilizam para se distinguir de pessoas de outras classes sociais, posicionando-as de forma hierarquizada (BOURDIEU, 2007). Sendo assim, conforme a pesquisa, a segunda residência pode ser compreendida como parte de um estilo de vida da classe média, que representa não somente qualidade de vida, mas uma diferenciação expressiva de classes que se objetiva por meio do consumo de bens.

Destaca-se ainda que as famílias dos pesquisados são numerosas. Apenas dois dos pesquisados não possuem filhos, mas possuem relacionamento afetivo. Do restante, todos possuem de um a quatro filhos, e alguns dos pesquisados possuem até três netos, casos que serão mencionados mais adiante. Isto porque iremos observar como tais relações mostram-se importantes para a construção do lar destes sujeitos, visto que a palavra “família” esteve presente em todas as respostas. Veremos então, primeiramente, o motivo que os levou a escolher Balneário Rincão para passar o tempo livre, e em seguida, as principais características de suas residências.

#### 4.2 POR QUE RINCÃO?

Destaca-se que, dos onze pesquisados, dez moram em Criciúma e apenas um reside em outra cidade (Orleans), o que evidencia a relação de distância presente durante a escolha de um local de veraneio. Como se sabe, Criciúma está a apenas cerca de 30 km de distância de Balneário Rincão, e esse fato esteve bastante presente no discurso dos pesquisados. Todos já frequentavam a cidade anos antes de adquirir as casas, o que mostra que o município chamou a atenção destes, sendo a facilidade de acesso e proximidade com a sua cidade as características mais mencionadas.

Claval (1987 apud Menezes, 2000) afirma existir uma relação entre distância e valor quando se trata da apropriação de um espaço, e por isso separa as áreas de mobilidade em três níveis de distância: frequência quotidiana, no qual a distância a ser percorrida é tão

curta que não se define como dificuldade e permite manter uma ligação maior com o local; áreas que abrangem a influência do bairro, sendo locais com distâncias maiores, mas que ainda não complicam o deslocamento; e zona de improvisação e espontaneidade, na qual a distância, por ser grande, exige um preparo maior e meios de locomoção mais elaborados para a atividade, e se configura como uma dificuldade. Os pesquisados encaixam-se no segundo nível, pois, como se pode constatar, existe uma pequena distância entre Rincão e Criciúma, que não cria dificuldades de acesso. Isso permite que esses moradores possam manter um contato maior com suas residências secundárias, e conseqüentemente criem mais laços.

Como já visto anteriormente, um dos principais problemas enfrentados pela praia de Rincão nos séculos passados foi justamente a dificuldade de acesso. Atualmente, os moradores de Criciúma e região não possuem mais esta barreira devido à via rápida que possibilita o acesso de automóvel do centro de Criciúma à BR 101 em poucos minutos, o que torna um dos atrativos de escolha da praia como local de férias.

Com base nos discursos dos entrevistados, constata-se então que a facilidade de acesso permite um maior contato das pessoas com suas segundas residências, em decorrência da curta distância e da estrada em boas condições. Todos os pesquisados possuem contato maior com a casa na alta temporada, ficando alguns meses na segunda residência, tempo esse que vai de meados de novembro até março, variando de pessoa para pessoa. Alguns deles, inclusive, usam a casa de praia o ano todo, indo uma vez por mês para fazer limpezas e realizar manutenções, ou então esporadicamente em alguns finais de semana, para relaxar. Assunção e Conceição (2018), em um estudo sobre a relação de moradores com suas residências, constataram que a fuga do calor e da correria da cidade são alguns dos fatores que levam os pesquisados residentes em Criciúma a irem para suas casas de praia no verão.

Paulo afirmou, durante a pesquisa, que um dos motivos por ter escolhido a praia de Rincão foi a facilidade de acesso. Em suas palavras: “Não é a melhor, mas é a mais perto”. Nota-se que por mais que os entrevistados elogiem e falem bem do local, sempre apontam melhorias em algo que não os agrada. O entrevistado não especificou o motivo de tal afirmação, mas pode-se notar semelhanças em outros discursos: Rodrigo citou que o excesso de casas fechadas e à venda que dão “um ar de abandono” à região, além da falta de sistema de águas pluviais e tratamento de esgoto, deveriam ser problemas inexistentes em uma região litorânea.

Pedro afirma que um dos motivos de ter escolhido Balneário Rincão para construir sua segunda residência foi a proximidade de sua família, que frequenta a região. O pesquisado em questão gosta do local, pois é próximo ao mar, possui uma boa localização e

acha a cidade tranquila. Já Maria conta que sempre quis uma casa na praia para passar o verão e poder frequentar também o ano inteiro, e que tem planos de futuramente estabelecer moradia, pois considera a qualidade de vida melhor e o custo de vida (água e luz) mais baratos do que em Criciúma, fora de temporada.

É possível identificar diversas diferenças entre os pesquisados, mas eles acabam se assemelhando em dois aspectos: temporalidade e finalidade (ASSIS, 2003). Todos possuem um tempo pré-definido para utilizar suas casas de veraneio, de acordo com suas agendas e particularidades, e mesmo com esses fatores os períodos acabam por ser semelhantes. Quanto à finalidade de suas residências, todos apresentaram a mesma: descansar e aproveitar o tempo livre.

Todos os pesquisados apontaram utilizar suas segundas residências para receber amigos e familiares em almoços e jantares, além de momentos de descontração como beber e socializar. Curiosamente, durante a pesquisa pode-se observar que existe pouca relação dos moradores com o mar, pois nenhum pesquisado mencionou hábitos como tomar banho ou ir à beira-mar. Machado (2000) define a praia em de dois modos: de um lado tem-se o contato com o ambiente marítimo, enquanto do outro trata-se das relações sociais que se diferem daquelas vistas no cotidiano. A praia não está relacionada apenas ao contato com a areia e a água, mas também a todo o ambiente social criado por ela. Ela é um local que possibilita o prazer da conversação, sendo um equilíbrio entre “o retiro solitário e a massa tumultuosa” (CORBIN, 1989).

Marcio é um dos pesquisados que tem sua casa secundária há menos tempo, possuindo seu apartamento principal localizado em Criciúma. Afirma ter escolhido a praia de Rincão justamente por ser o local mais perto da cidade, além do fato de frequentar a mesma há 30 anos. Já Rodrigo, que possui sua casa primária em Criciúma e frequenta a praia de Rincão há cerca de 25 anos, possuindo casa na mesma há apenas quatro. O motivo de escolha da praia foi justamente a proximidade com a cidade, com os seus familiares e conhecidos.

Marcos possui casa em Rincão há cerca de 11 anos, mas costuma frequentar a praia desde a década de 80. Construiu porque gostou do terreno que adquiriu, e um dos motivos foi a proximidade de Criciúma, o que lhe traz conforto. Gorete, sendo a pessoa da pesquisa que frequenta Rincão há mais tempo (50 anos), possui sua casa há 17 anos na praia. Sua segunda residência também foi construída na região por ser próximo a Criciúma.

Percebe-se que a casa no município de Rincão simboliza muito o lazer, pois é um lugar muito vivo, com a presença de vários carros da família, que mostram como a casa é um local de encontro familiar. Esse fato contribui para que os moradores sintam-se relaxados

nestes ambientes, pois como foi notado em diversas outras residências, o lazer influencia estas relações sociais e contribui para o fortalecimento dos laços familiares e de amizade. Pode-se citar como exemplo Marcos, que afirmou adorar jogar bola com seus netos no gramado aos fundos da residência, sendo esta uma atividade que o mantém mais em contato com seus netos, e conseqüentemente, os aproxima ainda mais.

Dessa forma, o tempo livre e lazer são características muito marcantes no uso destas residências. Lazer é definido por Dumazedier (1979) como o período de tempo no qual o indivíduo está liberado de suas atividades de trabalho, quando poderá realizar suas atividades individuais e coletivas, principalmente em ambientes que possuam características que possibilitam isto. Nesse sentido, precisamos compreender que o que somos hoje está relacionado ao passado de nossa sociedade: seus costumes, crenças e cultura; esses são responsáveis pela nossa constituição como indivíduos. Além das relações que temos com o nosso passado, há ainda a relação social que temos com os indivíduos. Segundo Araújo (2003, p 156), o sujeito psicológico é constituído por diferentes dimensões: cognitiva, afetiva, biológica e sociocultural, e seu funcionamento se dá a partir das inter-relações entre si e com o mundo externo físico, interpessoal e sociocultural com o qual o sujeito interage.

Faleiros (1980) complementa que as necessidades humanas possuem um caráter histórico e social, mas somente com o capitalismo puderam ser atendidas por meio de produtos de consumo, que passaram a criar novas necessidades, destacando principalmente as atividades de lazer, que até então não tinham tanto destaque. Assim sendo, o capitalismo ganha força criando um ciclo no qual o ser humano está sempre em busca de satisfação e conseqüentemente buscando novos bens de consumo.

Além da leitura, jogos, ouvir música ou ver filmes, atividades como preparo de alimentos, higiene pessoal ou dormir são consideradas também atividades de lazer, pois possibilitam que as energias sejam recuperadas durante o período de não-trabalho. Pode-se citar como exemplo o pesquisado que adquiriu uma mesa de sinuca, um objeto relativamente caro com função única e exclusiva de lazer para passar o tempo com seus familiares e amigos em sua segunda residência, visto que tal atividade proporciona entretenimento e relacionamento social com as pessoas em volta.

É evidente que a facilidade de acesso à região e sua proximidade fazem do Rincão uma escolha atraente para veraneio, como visto nas justificativas anteriores, além de outros fatores como a relação de longa data existente com esta praia e familiares nas proximidades. O acesso nem sempre foi facilitado, como se observou na história do município, e foi possível ouvir um pouco mais sobre isso de um dos pesquisados, João, que compartilhou um pouco de

sua história como transportador de casas, que consiste na realocação de uma residência de madeira, que pode ser transportada de um local para o outro por meio de um caminhão. Apesar de ser um processo trabalhoso, facilita a mudança de várias famílias, que não precisam trocar de casa: “o transporte de casa existe dentro de Criciúma há cerca de 80 anos, minha família transporta casa faz 49 anos. Se for colocar uma quantia de casas que levamos para a praia do Rincão... é muitas, muitas casas. Nunca paramos para contar, mas é muita. Era tranquilo levar uma casa para qualquer lugar, existiam licenças para utilizar as estradas estaduais, era muito bom. Hoje em dia já foi tudo cortado, não é permitido nas estaduais, e para tirar licença dentro de Criciúma exige uma série de papelada. [...] As estradas para levar até a praia estão muito boas, antigamente tinha-se que cortar as árvores com machado e tirar as pedras do caminho, pois as estradas eram muito estreitas. Atualmente o acesso está muito melhor.”

Além de mostrar um pouco da realidade do transporte de casas e comentar sobre como o lazer e descanso motivam pessoas a transportar casas até Rincão, ele ainda fala um pouco sobre o seu simbolismo: “As pessoas tiram uma casa daqui de Criciúma para colocar na praia, para o seu lazer ou então valorizar algum terreno lá. [...] Teve várias casas que foram levadas por valor sentimental, não por questões financeiras ou algo do tipo. Há uma que eu coloquei na praia, e até hoje está da mesma maneira, justamente por questões sentimentais, e a casa acaba ficando lá parada.”

O hábito de transporte de casas, como visto, possui dois principais fatores motivadores: o primeiro claramente está relacionado ao custo, pois torna-se mais barato transportar uma casa (quando possível) do que construir uma nova. Maria, por exemplo, foi uma das pessoas que optaram por transportar a casa, e conseqüentemente fazer várias alterações após a realocação. Segundo João, a prática está ligada ao valor sentimental que muitas residências possuem e como a chance de mantê-las intactas está relacionada à oportunidade de possuir uma casa na praia, levando os indivíduos à busca por esta opção.

#### 4.3 PERCEPÇÃO DOS PESQUISADOS SOBRE RINCÃO

Os diferentes hábitos e gostos dos pesquisados permitiram uma variedade de observações a respeito da cidade, sendo a maioria positiva. Houve divergências quanto aos discursos relacionados à segurança da cidade: enquanto alguns acham o local calmo e seguro, outros relataram sentir-se inseguros e até mesmo presenciaram em suas residências atos de vandalismo.

Tal fato está ligado diretamente ao número de moradores que, dentre as modificações feitas em suas residências secundárias, construíram muros e cercas ao redor do terreno devido à cultura do medo existente, como afirma Eckert (2000). O comportamento das pessoas que vivem em cidades tem como característica a desconfiança do próximo e a necessidade de possuir dispositivos que garantam a sua segurança, como as cercas e alarmes, presentes nas casas de praia.

Rodrigo, por exemplo, optou pela construção de cercas ao redor da residência devido a um episódio no qual a residência foi alvo de vândalos, que provocaram danos materiais e desenvolveram uma preocupação com possíveis futuros caso. Dessa forma, o cenário urbano atual das cidades vem mudando, no qual jardins que ligam a casa à rua são substituídos por altos muros e aparelhos de segurança, e passa-se a vender a ideia de isolamento. Um bom exemplo disso são os condomínios, que, por serem residenciais extremamente privados, possuem um estilo de vida único e protegido (CALDEIRA,1997). Esse estilo de vida é a escolha de muitos que procuram por segurança para a sua família, além da alta qualidade de vida, visto que os locais em questão costumam possuir um padrão alto, voltado para a classe alta. Como se trata de bairros abertos, a possibilidade de furtos ou depredação devido ao longo tempo que as residências passam desocupadas acabam gerando a sensação de insegurança aos proprietários, que optam em investir na segurança para evitar possíveis problemas.

A possibilidade de furtos ou depredação devido ao longo tempo que as residências passam desocupadas acaba gerando a sensação de insegurança aos proprietários, que optam em investir na segurança para evitar possíveis problemas.

Apesar dessa realidade, percebeu-se que existe uma boa relação com a vizinhança, com exceção do morador que afirmou não gostar de a casa vizinha ser anexada à sua. Heimstra, McFarlin e Schmidt (1978) analisam esse espaço como um sistema composto de vários níveis (cômodos, casa, vizinhança), que criam um ambiente de abrigo e proteção. Consequentemente, com casas mais distantes umas das outras e maior privacidade estabelecida pelos moradores, maior é sua satisfação.

Ao contrário do que os autores constataram, os moradores pesquisados buscam estarem “abertos” para a rua, mantendo suas privacidades, mas possibilitando um contato maior com a vizinhança. Isso pode ser observado por meio de áreas de convivência ao ar livre e locais de descanso no pátio frontal das residências, com cadeiras e redes que ficam de frente para a rua sem nenhum muro alto ou elemento físico que feche essa vista. Um dos

pesquisados, por exemplo, afirmou que gosta de sentar na área frontal da casa e “observar o movimento da rua”, evidenciando a ausência da necessidade de fechamento.

Um fato que chamou a atenção foi o número de respostas destacando o calçadão beira-mar como principal ponto positivo do Balneário Rincão.

Figura 4 - Calçadão novo construído na beira-mar de Rincão.



Fonte: Acervo pessoal.

Trata-se de um local de lazer, no qual é possível observar um grande movimento de moradores caminhando, andando de bicicleta pela ciclovia, praticando esportes e interagindo socialmente. Tal local tende a contribuir de diversas formas: os equipamentos de ginástica e a ciclovia proporcionam um local que incentiva as pessoas a terem hábitos saudáveis, e conseqüentemente, há aumento do movimento, proporcionando que as interações sociais passem a ser mais frequentes no ambiente. Além disso, a paisagem do local tende a mudar, passando a ser um ambiente vivo e movimentado, ao invés de um possível local vazio, como alguns pesquisados apontaram anteriormente.

A movimentação na praia permite que atividades culturais sejam desenvolvidas na região. Gorete, por exemplo, elogiou o atual cuidado da prefeitura com a limpeza da praia para a realização da abertura do Natal Luz, evento de fim de ano que movimenta a cidade.

Como os outros pesquisados, destaca que a calçada na beira-mar é um diferencial que está atraindo mais turistas para a região, contribuindo para o desenvolvimento de Rincão. O aumento no número de pessoas na região movimenta os negócios locais, pois os serviços e bens de consumo não-duráveis (como serviços pessoais, alimentação e bebida) são presentes em maior densidade nos centros urbanos próximos a regiões litorâneas (ROLNIK; KLINK, 2011). Marcelo diz que notou o aumento do número de pessoas na praia nos últimos anos, e conseqüentemente o número de comércios ativos.

Figura 5 - Tendões de comércio artesanal ao longo da calçada.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao longo da calçada, como mostra a figura acima, há a presença de algumas tendões de artesanato realizado por moradoras, criando um comércio local típico. Levando em consideração a história de Rincão, além de sua localização, é possível identificar alguns aspectos típicos no artesanato local, que utiliza conchas, redes, e estampas típicas litorâneas. Freitas (2011) define a identidade artesã como um conjunto de características típicas, que são em sua maioria ligadas não somente ao artesão, mas também à comunidade ou grupo local, nos materiais, no modo de fazer e também no seu uso.

Pode-se perceber, através do estudo bibliográfico, como Balneário Rincão possui uma cultura visível, que vai desde as decorações das residências até o comércio local que

possui produtos artesanais da região. O comércio contribui para o desenvolvimento da cidade e auxilia na formação da identidade. Karpinski (2011), em uma análise sobre a influência da história na paisagem, coloca a cultura como principal fornecedor de signos e representações, diretamente ligados às relações estabelecidas em uma sociedade, contribuindo para a construção da paisagem de um local.

Nos casos onde não se pretende mudar para Rincão, o principal motivo relatado foi a distância do local de trabalho, sendo em todos os casos na cidade onde as pessoas moram. Rodrigo afirmou que não se mudaria para sua casa de praia pois sua residência primária fica mais próxima do local de trabalho. A distância de Criciúma a Rincão, como visto anteriormente, é pouca quando se trata de um deslocamento que ocorre apenas nos finais de semana. Aparentemente, tornar esta viagem uma rotina diária não agradaria aos entrevistados em questão, que preferem continuar nas suas atuais residências.

Pode-se observar a existência de diversas visões sobre a região, que variam de acordo com os gostos e as necessidades de cada morador e o que necessita da praia. Machado (2000) afirma que, dentre as características da praia, seu potencial terapêutico e lúdico destaca-se ao proporcionar relaxamento e prazer, em diferentes horários do dia, sendo em dias quentes e ensolarados, ou em tardes amenas com uma leve brisa. Como foi possível identificar nas respostas, estas características são grandes motivadores da procura de uma casa na praia, locais onde se passa um grande tempo: enquanto alguns vão somente na alta temporada (de novembro a março), outros frequentam o ano todo durante os finais de semana. Günther, Pinheiro e Guzzo (2004) afirmam que tal necessidade de delimitação de prazos de tempo conhecidos (como frequentar em certos finais de semana, ou em uma temporada específica) variam os desejos e necessidades das pessoas. Logo, estabelece-se um ritmo de vida.

A percepção dos entrevistados quanto aos recursos comerciais presentes em Rincão foi na maioria positiva, havendo o elogio quanto ao número de comércio aumentando, e como estes fornecem o necessário para viver na região. O fenômeno da segunda residência surge como um propulsor do desenvolvimento do comércio do ponto de vista capitalista, dado o aumento do número de moradores na região litorânea (CORREA, 2016). Rosane, por exemplo, afirma gostar da quantidade de comércios existentes, mas está insatisfeita com o horário dos mesmos, que só funcionam de maneira eficaz na alta temporada. Além disso, comenta que a cidade não possui atrativos diferentes como pubs e restaurantes, o que a deixa insatisfeita. Apesar de alguns moradores ainda não estarem satisfeitos com o comércio, o

aumento no número de habitantes e a valorização do lazer na região litorânea proporcionam a abertura de mais comércios como os já existentes.

A aproximação entre o veraneio e a urbanização impacta diretamente na paisagem da região litorânea, visto que, como menciona Correa (2016), a cidade grande constitui-se de diferentes espaços de utilização (área comercial, área habitacional, área de lazer...), além dos espaços reservas para futuras expansões. Dessa forma, uma cidade como Rincão caminha para novas realizações, que acarretarão no uso de mais espaço litorâneo, principalmente no âmbito do lazer.

O caso do calçadão, tão elogiado pelos pesquisados, é um bom exemplo de como tais expansões que tomam o espaço da praia são pouco observadas do ponto de vista ambiental. Existe uma falta de percepção dos impactos, como alteração ou destruição das dunas de areia, uma das principais ações desde o início do século XX em todo o litoral (MUEHE, 2003). Além disso, a poluição proveniente do lixo descartado incorretamente ou entulho de obras, e o aumento do tráfego de carros e pessoas nas areias impacta diretamente na fauna local, e muitas espécies acabam sumindo (VELOSO *et al.*, 2008). Como os moradores compreendem que as obras os beneficiam em outros aspectos, criando uma paisagem de lazer e consumo, a atenção para as consequências supracitadas acaba sendo desviada.

#### 4.4 AS RELAÇÕES DOS SUJEITOS COM A SEGUNDA RESIDÊNCIA

Como visto anteriormente, Gonçalves (2014) estabelece seis conceitos importantes para analisar a relação do sujeito com sua residência. Dizem respeito a significados e sentimentos presentes em um ambiente onde existe uma ligação bem evidente entre a casa e seu morador, e são fatores importantes durante o processo de apropriação de uma segunda residência.

Durante a pesquisa, foram observados atentamente os detalhes da residência, como organização dos cômodos, decorações e investimentos realizados, assim como os discursos dos pesquisados (maneira de falar sobre sua residência e os adjetivos utilizados). Esses aspectos dão pistas da relação do morador com a sua segunda residência.

##### 4.4.1 Identificação

O processo de identificação do ambiente é um dos principais fatores para auxiliar o bom convívio da pessoa com sua segunda residência, que se dá a partir do momento em que o morador começa a trazer objetos da sua residência primária para a casa de praia, ou então que ao menos remetam ao seu local de origem, como explicado anteriormente por Gonçalves (2014). Algumas características da residência de Maria deixam evidentes o seu apego pelo lugar, como a presença de algumas peças em cerâmicas nos ambientes e algumas plantas (Figura 6).

Figura 6 - Fotos retiradas da residência de Maria: filtro de barro (1), vaso de cerâmica (2) e decoração na parede (3).



Fonte: Acervo pessoal.

As peças de cerâmica [Figura 6 (1 e 3)] foram trazidas da sua casa de Criciúma para a casa da praia, característica do processo de identificação e personificação do seu ambiente, por tratar-se de itens que eram do seu dia-a-dia na sua residência, e agora estão presentes na sua casa de praia. O filtro de barro [Figura 6 (2)] é uma peça que a moradora afirmou ter trazido porque gosta muito da água que ele fornece, e lembra a sua infância, pois sua avó possuía um filtro semelhante. Se fosse somente pela função, a moradora poderia ter adquirido outro filtro de barro, mas nota-se que existe um apego pelo objeto, optando em levar o mesmo para sua segunda residência, devido à memória familiar existente na peça.

Durante a pesquisa, Gorete deixou muito claro que considera a casa ótima como ela é, pois tem tudo de que ela precisa (Figura 7). Pelas fotos, pode-se observar que se trata de

uma residência com bastante espaço externo para o lazer [Figura 7 (1 e 2)], com uma sacada no quarto da frente de frente para o gramado, e a garagem com cadeiras, que leva ao pátio dos fundos. Trata-se de uma residência na qual se observa a presença das portas abertas, que remetem diretamente ao relacionamento dos indivíduos residentes com as pessoas de fora, dando um ar de boas-vindas, como afirmam Günther, Pinheiro e Guzzo (2004). Internamente, observa-se a presença de várias decorações, na estante (imagem 3) e na cozinha [Figura 7 (3)], como vasos de flores, potes de cerâmica e porta-retratos que foram trazidos por ela de sua casa de Criciúma.

Figura 7 - Fotos da residência de Gorete: área externa (1), garagem e área de lazer (2), estante da sala (3) e cozinha (4).



Fonte: Acervo pessoal.

A quantidade de itens (objetos e decorações) que se encontra nas casas de praia citadas como exemplo mostra que existe uma preocupação em preencher estes locais fisicamente, para que possam assemelhar-se mais com os gostos e preferências dos moradores. Porém, não são os únicos fatores que auxiliam no processo, pois há casos nos quais o morador já possui alguma ligação com a casa antes mesmo de morar nela.

A casa de praia de Janete, por exemplo, está presente há décadas em sua vida, fazendo parte da sua história e da sua família. A casa em questão já está há anos com a identidade da moradora, e possui tudo de que a proprietária precisa, como é possível

identificar pelo seu discurso: “eu quero o mesmo conforto que tem na minha casa de Criciúma. Eu chego à praia só com a chave, porque o restante tem tudo. Eu quero conforto, para mim e para minha família”. Percebe-se como o conforto é a principal necessidade de Janete, citado tantas vezes em seu discurso. Rybczynski (2002) coloca que o conforto atualmente traz consigo o significado de domesticidade, referente a vida privada do indivíduo dentro do seu espaço, e pode-se notar como no caso citado toma proporções maiores, com o desejo de proporcionar acolhimento não somente para si, mas também para as pessoas que ama.

Morando atualmente em Içara, Rosane possui a casa de praia que costumava ser da sua vó, e acabou ficando de herança para a família. Frequentando o local há cerca de 15 anos, sua família (pai, mãe e irmãos) atualmente usufrui da casa que tem cerca de 30 anos e foi construída pela própria família na época. É possível identificar, por meio da história, que a residência já faz parte de sua vida, facilitando o processo de identificação com o ambiente, que já lhe é familiar.

Por mais que alguns entrevistados levem objetos da primeira para a segunda residência, não se pode reduzir esta última a um depósito de coisas que não se quer mais. Os objetos fazem sentido, e contribuem para um processo de apropriação, deixando de ter apenas função estética e funcional, e passam a ser objetos simbólicos. Destaca-se, ainda, que a identificação da segunda residência pode ocorrer por outros meios, como simplicidade do local, sem a presença de tantos objetos. Marcelo, por exemplo, afirma possuir muitas coisas na sua casa em Orleans, como tapetes e afins, e por isto considera a casa na praia um local mais simples e aconchegante.

#### **4.4.2 Personificação**

O conceito de personificação assemelha-se muito ao de identificação, visto em linhas anteriores, e por mais que tenham sido abordados juntamente em alguns momentos, diferem entre si. Enquanto a identificação diz respeito principalmente a objetos da casa/cidade de origem do indivíduo (como visto anteriormente), a personificação dá espaço para os pertences criados e/ou customizados pelo próprio morador e sua família (GONÇALVES, 2014). Para melhor compreensão, voltemos a casa do Marcio.

A personificação do local fica bastante evidente quando se depara com o quadro de quebra-cabeça feito por ele e seu filho. Segundo Gonçalves (2014), os objetos que são criados e dispostos pelo usuário como decoração da casa fazem parte do processo de

personificação do local, que acaba tomando a forma desejada pelo morador. A mesa customizada (personalizada a partir de suas preferências) é outro objeto que remete ao mesmo conceito, pois em ambos os casos se tratam de decorações com alta carga simbólica. Dessa maneira, os objetos contribuem para a construção de um ambiente satisfatório emocionalmente.

Figura 8 - Objetos de importância encontrados na casa de Marcio: a mesa (1) e o quadro (2) foram feitos por ele.



Fonte: Acervo pessoal.

Figura 9 - Fotos da estante presente na sala de João.



Fonte: Acervo pessoal.

Através da Figura 8 (1), pode-se observar a presença de itens de decoração que personificam o ambiente, como as fotos de familiares, em sua maioria retratos individuais de cada membro da família em porta-retratos enfeitados e com palavras de carinho. Gonçalves (2014) lista as fotografias em porta-retratos como um dos itens que mais auxiliam o morador no processo de personificação. A organização de sua estante com estes, além da presença de outros itens como garrafas de bebida e até mesmo a televisão de alto valor, mostram como a residência secundária lhes oferece espaço, mesmo não sendo, por vezes, itens de necessidade prioritária.

Figura 10 - Decorações presentes por toda a casa de Gorete: quadros litorâneos (1 e 2) e peças de cerâmica (3 e 4).



Fonte: Acervo pessoal.

Gorete utilizou com ênfase o termo “aconchegante” para sua residência, e tal informação pode-se confirmar pela decoração presente nos cômodos. Há bastantes vasos e peças de cerâmica [Figura 10 (3 e 4)], algumas com a temática marinha típica da região litorânea, além de seus quadros [Figura 10 (1 e 2)]. Ambas as decorações foram pintadas por ela mesma, o que deixa bem evidente o apego sentimental a sua casa, personificada através de itens de sua autoria ou personalizados.

Figura 11 - Cristaleira presente na casa de Marcio.



Fonte: acervo pessoal.

A cristaleira acima (Figura 11), pertencente a Marcio, mostra bastante o processo de personalização do espaço, pois se trata de um objeto de estilo diferente do ambiente em questão. Sua presença torna-se importante para o morador, devido ao seu gosto por artigos de coleção, o que destaca o mesmo dos demais móveis do cotidiano. Por isso trata-se de um item com alto valor agregado, não só financeiramente, por ser um produto de difícil aquisição atualmente, mas também pelo seu valor simbólico, por ser um objeto de época. Ainda durante a realização da pesquisa, pode-se notar diversos fatores que dão pistas sobre a existência desse sentimento no ambiente. Também é possível notar a personificação da casa de Marcio através do quadro com temática típica praiana de peixes [Figura 10 (2)], constituído por um quebra-cabeça montado por ele e seu filho. É um objeto com propósito de passatempo, feito pelo próprio morador com a ajuda de alguém muito próximo, emoldurado e exposto em sua casa de praia como decoração, o que torna o ambiente muito mais familiar, dada a história por trás da decoração.

Já na casa de Rosane, as alterações feitas ao longo dos anos foram a construção de um banheiro adicional, a reforma de um quarto para acomodar mais uma pessoa, além da construção de uma garagem, itens estes importantes para o bem-estar dos moradores. Essa adição mostra como o local, mesmo com seu valor já existente, foi ainda personalizado fisicamente para ser mais funcional e confortável, pois como afirmam Heimstra, McFarlin e Schimidt (1978), não somente a cor, mas também o tamanho de um ambiente e sua mobília influenciam conversas e interações entre as pessoas. A mobília é outro fator que contribui

para tanto, e como observado ao longo da pesquisa, várias alterações nas residências praianas têm como componente algum móvel adquirido ou modificado.

A personificação desses ambientes (muitas vezes tratada como personalização) mostra como a identidade dos sujeitos e de seus ambientes se unem em uma coisa única, que se difere dos demais espaços. Como visto, Maynardes (2016) coloca os móveis como agentes transmissores do modo de pensar e agir do homem, e por isso são grandes transformadores destes espaços. Alinhado ao processo de identificação do ambiente, este aspecto contribui para a formação da identidade da segunda residência, que passa a ser um local que vai além do espaço físico. Assim, por mais que as residências pesquisadas possuam características em comum, como cômodos com as mesmas funções, continuam sendo diferentes entre si.

#### **4.4.3 Cultivação**

O cuidado que um morador tem pelo seu espaço, e as suas atitudes relativas a esse cuidado, geram um sentimento presente nas residências conhecido como “cultivação” (GONÇALVES, 2014). O morador cultiva seus gostos e hábitos pela casa, e em alguns casos, literalmente cultiva nela, como iremos observar a seguir.

Marcio, por exemplo, demonstra simpatia pela sua casa no Rincão, principalmente por ela servir de meio para o convívio com sua família. A casa em questão possui várias modificações físicas, que, como citadas anteriormente, não pouparam despesas, sendo todas elas pensando no conforto da sua esposa e filha, além de seus amigos que o visitam. Identifica-se, então, uma cultura dos espaços de lazer, para que possam ser aproveitadas da melhor forma possível.

A casa de Janete é uma residência de grande porte, com uma ampla sala, cinco quartos, banheiros e área de serviço. Quando questionada sobre o tamanho da residência, ela respondeu: “tenho dois filhos, e desde que eles são muito jovens, os amigos deles vinham com muita frequência para a casa. No começo ela tinha poucos cômodos, devido ao número de pessoas que frequentavam e até mesmo dormiam, resolvemos aumentar. Hoje a casa tem cômodo para todos os filhos, e inclusive para a minha mãe, que tem 92 anos”. É possível observar que o principal fator responsável pelas modificações na casa ao longo de todos os anos foi a cultura de um ambiente familiar que simbolizasse, para todos, um sentimento de acolhimento.

Figura 12 - Fotos retiradas da residência de Marcos: área externa (1), deck (2), pátio aos fundos (3).



Fonte: Acervo pessoal.

Uma das principais características da casa de Marcos é a cultivação presente de diversas formas no ambiente, que pode ser compreendida como um fenômeno no qual os locais manifestam atributos e elementos de dimensões estética e simbólica, gerados pelo morador (GONÇALVES, 2014). Um ótimo exemplo disso é o deck (imagem 2) que ele construiu para receber os amigos e familiares em momentos de lazer, conforme exposto na segunda imagem. Marcos considera esta uma das suas partes preferidas da residência, e afirma que pretende futuramente fazer uma edícula e uma piscina.

Outro exemplo que podemos analisar é o de João, que quando questionado sobre o que mais gosta na sua residência, afirmou ser sua área de lazer, onde possui uma mesa de sinuca. Maynardes (2016) traz que as residências são historicamente divididas em: área social, área íntima e área de serviço. Esta última, focada no relacionamento familiar e na recepção de convidados, é presente hoje nos ambientes criados especialmente para interagir com os visitantes, como é o caso da mesa de sinuca. Isso mostra como a segunda residência possui um forte papel de gozo do tempo livre e recepção, principalmente quando o proprietário está disposto a aplicar investimentos para esse fim.

Percebe-se a existência de uma preocupação em manter as casas de praia aconchegantes, pensadas para acolher várias pessoas da família e proporcionar hábitos que os moradores acabam não podendo realizar em suas residências primárias.

Figura 13 - Garagem com redes para descanso.



Fonte: Acervo pessoal.

Maria, por exemplo, possui duas filhas que sempre vão passar um tempo na casa junto de seus netos e genros, motivo pelo qual ela instalou várias redes na garagem, pois quer que todos se sintam bem na sua residência.

Esses casos são ótimos exemplos da ligação do lazer com a sociabilidade, e retratam sua importância para a construção do ambiente da segunda residência. Desse modo, há a sociabilidade apontada por Simmel (2006), a exemplo da sociologia pura ou formal. O autor destaca a diferença entre a “forma” de interação entre os indivíduos conforme trazido pelos sujeitos pesquisados. Outro ponto elencado pelo autor é quanto ao “conteúdo” que se expressa em instintos, interesses, impulsos, objetivos, entre outros no âmbito da socialização. Contudo, vale ressaltar que a socialização, para o pesquisador, combina com inúmeras maneiras de interagir em função de seus interesses. Segundo ele, nesse ponto se insere o conceito de sociabilidade já mencionado.

Figura 14 - Plantas e árvores presentes na área externa da residência de Marcos: bananeira (1), vaso decorativo (2), pé de maracujá (3) e floreira no deck (4).



Fonte: Acervo pessoal.

A quantidade de plantas presentes na casa de Marcos é outra característica marcante de sua segunda residência. Ele conta que ama plantar, inclusive cultiva alguns pés de bananeira e maracujá no fundo do quintal [Figura 14 (1 e 3)], hábito que não possui em Criciúma. Como Machado (2000) coloca, o ambiente terapêutico proporcionado pela região litorânea possibilita uma ruptura das práticas quotidianas, no qual a pessoa comporta-se de maneiras diferentes daqueles modos eventuais dentro do espaço urbano. Tal característica deixa evidente como sua residência secundária é personificada de maneira a possibilitar que Marcos a utilize para realizar tarefas pessoais que não realiza na sua casa primária e que dão ao lugar uma aparência viva e de seu gosto.

Figura 15 - Plantas presentes na residência de Paulo: horta (1), vasos de plantas (2) e árvores presentes por todo o pátio (3).



Fonte: Acervo pessoal.

Observa-se a mesma característica na casa de Paulo, com a presença de bastante vegetação no ambiente: gramado, árvores, plantas de pequeno e médio porte, além de uma horta [Figura 15 (1)] com verduras plantadas por ele mesmo.

Ppanek (1995, p. 85) afirma que nos dias atuais as pessoas estão cercadas por ambientes artificiais que inibem nossos sentidos orgânicos, que são substituídos por coisas não-naturais. Como o pesquisado mora em um apartamento na sua cidade, é perceptível que a cultivação do espaço se torna algo tão presente e especial para ele, visto que a residência secundária permite algo que não existe na primeira. Barbosa e Costa (2012) contam que, com o crescimento populacional e a expansão das áreas urbanas que cada vez tomam mais espaço, o contato das pessoas com a natureza é reduzido, e conseqüentemente características como ar puro, água potável e a calma disponibilizada pelo ambiente natural tornam-se algo raro. Assunção e Conceição (2018) deixam visíveis as necessidades existentes por parte dos seus pesquisados, que residem em edifícios de um bairro em Criciúma, em entrar em contato com a natureza, já que um deles relata que suas idas à praia têm como propósito estar mais próximo do meio natural.

Além disso, a proximidade e o cuidado que ele possui com sua horta deixam claro como o ambiente externo da sua residência é também personificado e simbolizam o seu

espaço pessoal. Paulo é de origem italiana, passou boa parte de vida trabalhando na roça, e agora possui parte de sua história personificada nos seus hábitos de plantio e cultivo.

A cultura de hábitos mostra mais um ponto importante no processo de apropriação da segunda residência, ainda mais quando se fala em investimentos e ações que não são realizadas em suas casas da cidade, apenas na residência secundária. O conceito de cultura pode ser observado por pequenos indícios durante a pesquisa, e é um grande fator de satisfação dos moradores com suas residências, pois a cultura dos seus espaços possibilita um retorno mais perceptível por eles, como o passatempo da cultura de plantas ou o descanso proporcionado pelas redes, por exemplo.

Figura 16 - Fotos retiradas da residência de Paulo: área construída aos fundos (1), fundos da casa (2) e cozinha (3).



Fonte: Acervo pessoal.

Ademais, pode-se observar na residência de Paulo o sentimento expressado de maneiras diferentes, pois o processo de cultura do ambiente fica evidente nas alterações feitas nele: a casa foi comprada pronta, porém a parte de trás [Figura 16 (1)] foi construída depois de um tempo, e possui um quarto e um banheiro que foram pensados para seus filhos utilizarem. Como visto anteriormente, Rybczynski (2002) afirma que a casa passou a ser algo a mais, um ambiente familiar que possui afeição, onde não somente o ambiente, mas também as pessoas possuem um valor emocional. Investimentos como os realizados pelo morador,

com o objetivo de agradar a seus familiares, vêm ao encontro desta ideia, na qual as pessoas presentes na casa são fundamentais para que o ambiente venha a se tornar um lar.

A parte externa da casa de Paulo possui uma churrasqueira para a realização de confraternizações. Grades foram adicionadas na frente da residência, e alguns quartos foram modificados e pintados. Os investimentos feitos na casa de praia mostram como a segunda residência é importante para o morador, e são recursos que ele utiliza para cultivar e satisfazer suas necessidades.

#### 4.4.4 Sentimento de pertença

Este sentimento pode ser compreendido como um resultado dos anteriores: quando existe a identificação, a personificação, e cultiva-se o ambiente, o morador passa a sentir-se parte dele, deixando de ser um estranho naquele lugar, e vice-versa (GONÇALVES, 2014). Durante a pesquisa, pode-se perceber pelos discursos dos moradores como suas residências secundárias transmitem esse sentimento.

Figura 17 - Algumas decorações sazonais presentes nas casas: árvore da Natal de Maria (imagens 1 e 2) e decoração na mesa de Gorete (imagem 3).



Fonte: Acervo pessoal.

Um ponto que chamou bastante atenção durante a pesquisa foi a decoração natalina que estava sendo colocada. Maria afirmou que gosta bastante da época de Natal, e por isso tem o hábito de decorar, mas não faz isso em sua casa em Criciúma, somente na casa da

praia. Fica evidente como este é um lugar muito simbólico para ela, pois o sentimento de pertença é tão forte que ela opta por dar prioridade a sua segunda residência quando se trata de decoração.

Conversando com Janete, e observando os objetos e cômodos da segunda residência, pode-se perceber como ela cuida para que sua casa seja um porto seguro para a família. Em conversa com seu esposo, já pensaram em se desfazer da mesma, porém quando param para pensar que a casa tem uma história desde seu sogro e também o contato forte que seus filhos têm desde pequenos, e que tantas e tantas histórias já foram construídas na mesma, prontamente eles desistem da venda. Sua filha comenta que a casa foi comprada de seu avô e que seu pai tem um sentimento de apropriação pela mesma, e que ela lembra que antes a casa era do seu avô, e que iam todos os seus tios, primos e família. É interessante destacar aqui a importância sentimental que a casa possui, devido ao seu passado. Como Bachelard (1957) afirma, costuma-se guardar memórias de antigas moradas e sempre que se adquire uma nova surgem lembranças da infância que trazem consigo um sentimento de proteção. Nesse caso, pode-se perceber que a casa é o possível cenário de várias lembranças felizes da pesquisada, o que torna a residência um local de valor.

Dessa forma, observa-se como o ambiente da casa de praia, com o tempo, passa a ter um valor de destaque em relação aos hábitos do proprietário, que prefere criar um ambiente de agrado na segunda residência, que a esta altura possivelmente é tão receptiva quando sua primária.

#### **4.4.5 Lugar essencial**

O conceito de lugar essencial passa a ser identificado nas residências a partir do momento em que outras características anteriores começam a ser identificadas, mesmo que de maneiras mais sutis e ainda no início. Isto porque o lugar essencial é a definição da casa simbólica, que passa a significar algo a mais, que vai além da construção física (GONÇALVES, 2014).

Esse sentimento pode ser percebido quando olhamos para a residência de Janete. Ela afirma que, desde o início, a relação com a sua casa era forte. Como ia muito para a praia com seus amigos e família para passar o dia ou o final de semana, ela prontamente se apaixonou pela região e, conseqüentemente, pela sua segunda residência.

Paulo, por exemplo, destacou que a área da frente é o lugar preferido em sua casa de praia, pois gosta de sentar e observar o movimento na vizinhança. A aproximação que o

pesquisado possui com a casa, o cuidado, além do desejo de morar nela futuramente, mostra que Paulo possui um afeto muito grande pela residência, que por sua vez carrega a identidade dele. Sartori, Coronel e Vieira (2016), em um estudo sobre as decisões para a aposentadoria, constataram que a maioria de seus pesquisados pretende mudar-se de cidade futuramente. Tal ideia de mudança casa bem com a aposentadoria, devido ao aumento do tempo livre que as pessoas aposentadas passam a ter, e cidades menores e mais calmas que as suas atuais acabam se tornando potenciais alvos.

Oliveira e Cortê (2010) constatam que o ambiente praiano é um local que incentiva às práticas sociais e de lazer para as pessoas da terceira idade. A ligação com a praia acaba sendo mais intensa para o idoso que pratica exercícios, visto que o espaço natural colabora para a realização de atividades físicas, e conseqüentemente contribui para a melhoria da qualidade de vida. Entende-se, então, que a aposentadoria está ligada a essa mudança de realidade, na qual ambientes praianos ganham destaque por serem uma fuga da antiga rotina, tanto para períodos temporários (finais de semana) quanto para uma mudança permanente.

A aposentadoria acaba representando uma nova etapa do ciclo de vida das pessoas, que pode ser relacionado a um novo local de moradia. Eizirik e Bassols (2012) afirmam que, apesar de existir um grande número de pessoas idosas que acabam por viver a terceira idade sozinhas, a maioria que obteve resultados favoráveis em sua vida pessoal e profissional reforça o lazer e o convívio com a família nesta fase da vida. Assim sendo, passa a existir um maior significado nos laços familiares, diferindo-se daqueles que entram em conflitos familiares na terceira idade. Como constatado, todos os pesquisados que estão nessa etapa da vida mostraram uma relação saudável com a família, um dos principais motivos pela existência de sua segunda residência.

Paulo é um morador que, além de possuir um sentimento muito forte por sua segunda residência, possui também o mesmo sentimento de pertença pela praia de Balneário Rincão, que fez parte da sua história e contribuiu para o desenvolvimento dela, como já foi visto.

Por mais que se identifique a existência da atmosfera de um local essencial em uma residência secundária, pensar que isso é garantia de que o morador vá se mudar para sua casa de praia é um equívoco. A casa de Rosane, por exemplo, contribui para o florescimento do sentimento de lugar essencial, pois possui história, lembranças e sentimentos positivos levantados por ela. Contudo, tamanha carga positiva não é o suficiente para despertar o desejo de morar na sua segunda residência, pois, em sua opinião, Rincão não fornece estruturas suficientes para uma boa morada. Quando se trata de mudança, os valores sentimentais

deixam de ser os protagonistas, e outros fatores como localização e custo de vida passam a ter pesos diferentes.

É possível perceber que, com o passar do tempo, a segunda residência vai ganhando novos valores intangíveis conforme seu proprietário vai se apropriando da mesma. Os bens materiais que auxiliam nos processos retratados antes, nesse ponto já não são mais lembrados pelas suas características físicas, mas sim simbólicas, fazendo parte do ambiente sentimental que a casa se torna. Não se trata mais de apenas um lugar de descanso, é parte da vida do morador.

#### **4.4.6 Identidade do lugar**

A identidade do lugar é o último dos conceitos que pode ser identificado em uma residência secundária, pois é resultado de uma harmonia entre diversos sentimentos, como a personificação, identificação, simbolismo, etc. A partir do momento em que se estabelece conexão entre o morador e sua casa, que possui seus objetos e toda sua personalidade nela, considera que o lugar está completo, com sua identidade (GONÇALVES, 2014).

Como mencionado acima, Gorete considera o conforto como a principal qualidade de uma casa, e foi possível perceber que sua residência de praia entrega o necessário para tal. Quando questionada sobre mudanças, logo afirmou que não mexeria em nada da sua residência, pois gosta dela do jeito que está, e complementou dizendo que pretende mudar-se para a mesma futuramente, pois considera que a praia oferece a infraestrutura adequada.

A identidade do ambiente acaba manifestando-se de diversas maneiras, como podemos perceber na casa de Marcos: sua cozinha é feita sob medida, e possui vários artefatos de decoração que demonstram um carinho existente no local. Na área em frente à casa, colocou cadeiras de descanso, uma vez que afirma adorar sentar e observar a rua enquanto relaxa. São características como essas que permitem perceber o sentimento de tranquilidade existente na casa, presente também no discurso de Marcos, que afirmou que “quando está na casa da praia, ele está em paz”.

Maria afirmou que seu esposo (já aposentado) passa mais tempo na casa de praia do que na sua casa em Criciúma. As decorações da casa e as ações da moradora para manter o lugar aconchegante permitem visualizar como ela possui um apego pela residência, além de uma identidade que é reflexo dos seus sentimentos. Esse processo demanda tempo, pois, como no caso do João, que colocou grama no pátio, adicionou o contra piso, aumentou a

altura da casa, reformou e também a pintou, tudo foi feito ao longo dos anos. A identidade do lugar vai aos poucos tomando a forma desejada pelo (a) morador (a).

Esse é um conceito que fica bem claro pela satisfação que o morador possui por frequentar sua residência, além de gostar muito de receber as pessoas neste seu ambiente pessoal. Durante as perguntas, pôde-se perceber como há uma emoção nas suas respostas, muitas vezes dadas com um sorriso no rosto, gesticuladas e acompanhadas pelo ato de sair mostrando seus cômodos e a decoração presente neles. Percebe-se, assim, que a segunda residência, apesar de fisicamente comprada, é também construída simbolicamente por eles.

## 5 CONCLUSÃO

Foi possível perceber, ao longo do estudo, a intensa relação entre os sujeitos da pesquisa e suas segundas residências, e como estas apresentam um papel tão importante quanto o da residência primária na vida destes indivíduos. Para tanto e conforme observado, a RESIDÊNCIA passa a se constituir na vida do ser humano como algo único e simbólico, uma vez que o espaço CASA se torna parte da vida das pessoas. Levando em consideração esses aspectos, constatou-se que todos os sujeitos entrevistados vivenciam o processo de apropriação de suas residências, apresentando, seguindo as definições de Gonçalves (2014), o processo de identificação, personificação, cultivação, sentimento de pertença, lugar essencial e identidade do lugar.

Ao analisar o fenômeno da segunda residência em Balneário Rincão (SC) por meio da relação dos sujeitos com suas casas de praia, fica explícito que o processo de apropriação ocorre de maneira singular e afetiva com o ambiente em questão. Todos trazem sentimentos de pertença quando abordam as trajetórias de suas chegadas aos espaços estudados. Para tanto, ficou compreendido que os sujeitos pesquisados demonstram forte identificação e sentimento de afeto em relação a sua segunda residência, o que os faz personificá-las por meio de uma relação intrínseca entre os espaços, móveis, objetos e emoções.

Assim, apesar das transformações na estrutura física serem recorrentes na residência, sabe-se que o espaço se torna algo essencial para o desenvolvimento emocional e psicológico de qualquer membro familiar, uma vez que estes se constituem no espaço escolhido durante o processo de sua vida. Portanto, as mudanças que ocorrem na sociedade têm fortes implicações. Servir como um local de proteção, reunião e descanso é papel de ambas as residências – primária e secundária - diferenciando-se nos níveis que cada um destes fatores se apresenta na vida dos pesquisados. Cabe lembrar que a referida pesquisa destacou, em síntese, a notável socialização entre membros da família e amigos e gozo do tempo livre como sendo principais protagonistas nas casas de praia.

Nesse sentido, a partir de todas as mudanças e escolhas ocorridas em relação à “Segunda Residência” por parte dos pesquisados, observou-se, de maneira geral, como os sujeitos se constituem por meio de um espaço de planejamento e organização no que tange às decisões feitas como parte de suas vidas.

Através da pesquisa, foi possível observar que os participantes da pesquisa se consideram satisfeitos com suas casas de praia, sendo que todos aprovam como a casa está

atualmente, apenas manifestando o desejo de fazer algumas mudanças para melhorar suas experiências de descanso, como reformar algum cômodo ou fazer uma piscina. De modo geral, percebe-se que não existe receio em investir nessas casas, mesmo que o uso não seja tão contínuo quanto nas residências primárias, pois o que realmente importa é o conforto e a expressão das experiências afetivas vividas dentro do espaço. O apego pelas residências é presente, e é em pequenas práticas que se pode notar a existência de afeto. Em alguns casos, o morador deseja mudar-se permanentemente para sua casa de praia, por considerar a praia um lugar calmo para se viver.

Nesse mesmo sentido os pesquisados apresentam a “segunda residência” como um local de acolhimento e reunião familiar, muitas vezes considerando o movimento transgeracional da família no local. O fenômeno da segunda residência mostra-se como algo que vai além da posse material, é um local de conquistas que passa a servir de subsídio para a criação de dispositivos de qualidade de vida, ficando claro que o espaço faz parte do processo de constituição de subjetividade dos moradores daquela região. Torna-se, assim, uma extensão de sua vida urbana, um meio de cultivo de relações de trocas, por meio dos encontros familiares, tendo como subterfúgio o escape da realidade urbana estressora. Vale ressaltar que os sujeitos da pesquisa demonstraram valorizar as áreas públicas do município para lazer e compras, e no processo de entrevista não associam as alterações do ambiente natural às ações de impacto ambiental.

Concluindo, destacamos o olhar da pesquisadora Gonçalves (2014), que expõe a importância de “reaver a linguagem poética (poética no sentido da dimensão estética do ser humano), é o ponto essencial para políticas e planejamentos urbanos mais humanizados” (p. 104). O município de Criciúma, local das primeiras residências da maioria dos sujeitos da pesquisa, vem sofrendo, ao longo das décadas, com a falta de espaços públicos que privilegiem o encontro entre as pessoas, conforme afirma Gonçalves:

Criciúma é uma cidade que não privilegia os espaços públicos. Há nela apenas duas praças com atrativos para o usufruto da população: a Praça Nereu Ramos, que fica no centro, no coração da cidade; e a Praça do Congresso, cercada por prédios de alto luxo e que, recentemente, vem gerando um conflito na cidade (os moradores desses prédios querem cercá-la e a população não quer abrir mão desse direito conquistado de frequentá-la livremente). Criciúma é uma cidade ferida em sua paisagem física devido à atividade de mineração, a qual deixou parte de seu solo completamente degradado. Apropriar-se de um lugar hostil é para o sujeito o processo e apropriação se torna um processo muito difícil, quase impossível. No entanto, quando as pessoas se apropriam, podem transformar um lugar hostil em um lugar agradável e acolhedor (GONÇALVES, 2014, p.105).

Fica evidente que ainda há muito que avançar nas discussões sobre a representatividade social e de planejamento urbano. É preciso então que o poder público adote medidas que possibilitem diretrizes para um projeto urbano sustentável e oportuno ao bem-estar das pessoas. Para isso, é importante considerar as inúmeras relações que os sujeitos estabelecem com os espaços e suas edificações, e como estes também participam do processo de constituição dos sujeitos.

## REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, N. A. **Brasil: Paisagens de Exceção: O litoral e o pantanal Mato-Grossense** patrimônios básicos. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.
- AMARAL *et al.* Brazilian Sandy Beaches, Characteristics, Ecosystem Services, Impacts, Knowledge and Priorities. **Brazilian Journal of Oceanography**, v. 64, p. 5-15, 2016.
- ARAUJO, U. F. **A dimensão afetiva na psique humana e a educação em valores**. São Paulo: Summs, 2003.
- ARRAIS, T. A. Integração do mercado imobiliário e segunda residência – Brasil metropolitano. **Mercator (Fortaleza)**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 49-62, 2014.
- ASSUNÇÃO, V. K.; CONCEIÇÃO, Z. S. Verticalização e sociabilidade: as relações entre moradores de edifícios residenciais e suas formas de uso e apropriação do espaço. **RA´E GA**, v. 44, p. 69-84, 2018.
- ASSIS, L. F. Turismo de Segunda Residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. In: **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano 7, nº11, 12, 13, 2003. pp. 107-122.
- BARBOSA, C. **Segunda residência e cidade difusa**. Apresentado no Colóquio Ibérico de Geografia. Universidade de Évora, Portugal, 10, 2005.
- BARBOSA, A. G.; COSTA, A. A. O solo urbano e a apropriação da natureza na cidade. **Sociedade & Natureza**, v. 24, n. 3, p. 477-488, 2012.
- BACHELARD, G. **A casa. Do porão ao sótão. O sentido da cabana**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, G. **O novo espírito científico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.
- BECKER, B. **Levantamento e avaliação da política federal de turismo e seu impacto na região costeira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, 1995.
- BOCK, A. M. B. A psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: Bock, A. M. B; Gonçalves, M. G. G.; Furtado, O. (Orgs.). **Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 15-35.
- BELEI, R. A. *et. al.* O uso de entrevista, observação e vídeo gravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**. v.30, p.187-199, 2008.
- BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005.
- BORELLI, E. Urbanização e qualidade ambiental: o processo de produção do espaço da costa brasileira. **Revista Internacional Interdisciplinar Interthesis**, v. 4, n. 1, p. 1-27, 2007.
- BORDIEU, P. **A Distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

- BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. **Estudos avançados**, v. 27, n. 79, p.133-144. 2013.
- BRASIL. **Lei complementar número 14**, de 8 de junho de 1973. Brasília. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil>>. Acesso em 10/07/2019.
- BRASIL. IBGE. **Censo demográfico 2010** – educação e deslocamento. Resultado da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- BRASIL, Ministério do Meio Ambiente – MMA. **Avaliação e identificação de áreas e ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição dos benefícios da biodiversidade nos biomas brasileiros**. Brasília: MMA/SBF, 2002.
- BRITO, S. P. **Imobiliária do lazer e turismo residencial**. Porto: PT: Príncipia Edit Ora, Lda., 2010.
- CALDEIRA, T. P do R. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2000
- CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Schwarcz, 1989. 385p.
- CORREA, L. A segunda residência como indutora da urbanização em áreas litorâneas na contemporaneidade. **Geo UERJ**, n. 28, p. 291-307, 2016.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 3º Edição. São Paulo: Ática, 1995.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. 4º Edição. São Paulo: Ática, 2000.
- CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DEWES, J. O. **Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos**. Trabalho de Conclusão de Curso: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, dez. 2013.
- DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/busca/portugues-brasileiro/casa/>. Acesso em: 25/07/2019.
- DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- ECKERT, C. **A cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória dos velhos moradores de Porto Alegre**. *Iluminuras*, 18, 2000.
- EIGUER, A. A apropriação do espaço da casa. **Interações**, São Paulo, v.5, n. 10, p. 11-24. 2000.
- EIZIRIK, C. L.; BASSOLS, A. M. S. **O Ciclo da Vida Humana: uma perspectiva psicodinâmica**: Artmed, 2012.
- EMÍDIO, TERESA. Meio ambiente & paisagem. São Paulo: Senac, 2006.
- FALEIROS, Maria Izabel. Repensando o lazer. *Perspectivas*. São Paulo, v.3, p.51-65, 1980.

- FERNANDES, E. M. **História do Rincão**. 2013. Disponível em: <<https://www.balneariorincao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/8139>>. Acesso em 01 abr. 2019.
- FERNANDES, E. M. **O município da Içara: nossa terra nossa gente**. 21ª Edição. Criciúma: Ed. do autor, 2006.
- FLAMÍNIO, I. O espaço da cozinha na habitação plurifamiliar urbana: modos de vida e apropriação do espaço. **Sociologia**, v. 16, p. 251-277. 2006.
- FONSECA, M. A. P.; BASTOS, M. L. M.; LIMA, R. M. M. **Segunda residência e a construção dos vínculos identitários territoriais no Polo Costa das Dunas/RN**, 5º Congresso Latino Americano de Investigação turística, 2013.
- FREIRE, José Célio; VIEIRA, Emanuel Meireles. Uma escuta ética de psicologia ambiental. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 32-37, 2006.
- FREITAS, A. L. C. **Design e artesanato: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto**. São Paulo: Blucher, 2011. 132 p.
- GIL, A. C. **Metodologia do ensino superior**. 2 ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1994.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos e pesquisa**. 3a ed. São Paulo: Atlas; 1995
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GONÇALVES, T. M. O olhar da psicologia ambiental para as relações do homem com o meio ambiente. In: **A cidade poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano**. Unijuí, 2007.
- GONÇALVES, T. M. Habitar. A casa como contingência da condição humana. **Revista INVI**, v. 29, n.80, p.83-108, 2014.
- GÜNTHER, H.; PINHEIRO, J. Q.; GUZZO, R. S. L. **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, SP: Alínea, 2004.
- HARVEY, N.; CATON, B. **Coastal Management in Australia**. Oxford University Press, Melbourne, Australia. 2003, 342 p.
- HEIMSTRA, N. W.; MCFARLING, L. H.; SCHMIDT, M. A. **Psicologia ambiental**. São Paulo: E.P.U., 1978. 218 p.
- KARPINSKI, C. Paisagem e História: notas de leitura. **Espaço Plural**, São Paulo, v. 12, n. 25, p. 26-36. 2011.
- KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- KOTLER, U. Paisagem - uma definição ambígua. **Revista de arquitetura, planejamento e construção**. Rio de Janeiro: FC Editora, v. 3, n. 12, 1976.
- LONGHINOTTI FELIPPE, M. Casa: uma poética da terceira pele. **Psicologia e Sociedade**, Minas Gerais, v. 22, n. 2, p. 299-308. 2010.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **RAÍZES**, Curitiba, Ed. UFPR, n. 8, p. 83-91, 2004.

MMA. **Gerência de Biodiversidade Aquática e Recursos Pesqueiros. Panorama da conservação dos ecossistemas costeiros e marinhos no Brasil**. Brasília: MMA/SBF/GBA, 2010. 148 p.

MACHADO, H. C. F. A construção social da praia. **Sociedade e Cultura**, v. 1, n. 13, p. 201-218. 2000.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MAYNARDES, A. C. A casa, o lar e o mobiliário. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 12º, 2016, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Blucher Design Proceedings, 2016. p. 217-228.

MELO, R. G. C. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia-USP**, v.2, p. 85-103. 1991.

MENEZES, M. Do espaço ao lugar, do lugar às remodelações socioespaciais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 6, n. 13, p. 155-175, 2000.

MUEHE, D. Beach Morphodynamic Research in Brazil: evolution and Applicability. **Journal of Coastal Research**, n. 35, p. 32-42, 2003.

MUEHE, D. **Erosão e programação no litoral brasileiro**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente (MMA), 2006.

NORDSTROM, K. F. **Recuperação de praias e dunas**. São Paulo, SP: Oficina de Textos, 2010. 263 p.

NUNES, M. R. O. As consequências das segundas residências no mercado de hospedagem de Tibau do Sul - RN. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 4, n. 1, p. 88-111, jun. 2016.

OMENA, E. P.; LAVRADO, H. P.; PARANHOS, R.; SILVA, T. A. Spatial distribution of intertidal sandy beach polychaeta along an estuarine and morphodynamic gradient in an eutrophic tropical bay. **Marine Pollution Bulletin**, v. 64, n. 9, p. 1861- 1873, 2012.

Oliveira, Ana Luíza Teixeira de. Cortê, Beltrina. (2010). A praia como cenário de destaque para os idosos da cidade de Santos. *Revista Transdisciplinar de Gerontologia*, 3. (2.),35-47.

PPANEK, V. J. **Arquitetura e design: ecologia e ética**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007. 284 p.

PREFEITURA DE BALNEÁRIO RINCÃO. **Nossa história**. 2013. Disponível em:

<<http://www.balneariorincao.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/5467>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

Presidência da República, Casa Civil (1998) - **Lei no 9.636, de 15 de maio de 1998**. Dispõe sobre a regularização, administração, aforamento e alienação de bens imóveis de domínio da União. Diário Oficial da União de 18 de Maio de 1998, Brasília, DF, Brasil. Disponível em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9636.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9636.htm)>. Acesso: 01 ago. 2019.

Presidência da República, Casa Civil (1988) - **Lei no. 7.661/88**. Institui o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro. Publicada no Diário Oficial da União de 18 de Maio de 1998, Brasília, DF, Brasil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7661.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7661.htm)>. Acesso em 01 ago. 2019.

RODRIGUES, A. A. F. Seasonal abundance of nearctic shorebirds in the gulf of Maranhão, Brazil. **Journal of Field Ornithology**, v. 71, n. 4, p. 665-675, 2000.

REIS, A. F. Crescimento Urbano-Turístico, Meio Ambiente e Urbanidade no Litoral Catarinense. In: I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, 1., 2010, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/18/18-198-1-SP.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: pequena história de uma ideia**. Rio de Janeiro: Record, 2002

ROLNIK, R.; KLINK, J. Crescimento econômico e desenvolvimento urbano: por que nossas cidades continuam tão precárias? **Novos estudos - CEBRAP**, São Paulo, n. 89, p. 89-109, 2011

SARTORI, T., CORONEL, D. A., and. VIEIRA, K. M. (2016). *Preparação para aposentadoria, bem-estar financeiro, decisões e hábitos para a aposentadoria: um estudo com servidores de uma instituição federal*. Brasil: Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana

SCHIER, R. A. **Trajetórias do conceito de paisagem na Geografia**. **RA E GA**, n.7, p.79-85, 2003.

SILVA, K. O. Condomínios fechados, residências secundárias e o uso do espaço público pelo capital imobiliário. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, abr. 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.br/index.php/raoit/article/view/3537/1664>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SCHERER, M.; FERREIRA, C.; MUDAT, J.; CATANEU, S. **Urbanização e gestão do litoral Centro Sul do Estado de Santa Catarina**. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 13, p. 31-50, 2006.

SCHOSSLER, J. C. **Patrimônio balneário: a cultura do veraneio no Rio Grande do Sul e Uruguai**. Artigo desenvolvido no âmbito da 2ª Chamada Pública de Artigos do Centro Lucio Costa/CLCIPHAN/Joana Carolina. Centro de Categoria 2 sob os auspícios: Edições UNESCO, 2017. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Produto%203%20aprovado\\_BR16.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Produto%203%20aprovado_BR16.pdf)> Acesso em: 12 dez. 2017.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TULIK, Olga. **Turismo e meios de hospedagem: casas de temporada**. São Paulo: Roca, 2001. 113 p.

PEREIRA, A. Q. **A urbanização vai à praia: vilegiatura marítima e metrópole no Nordeste do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

VELOSO, V. G. *et al.* Responses of talitrid amphipods to a gradient of recreational pressure caused by beach urbanization. **Marine Ecology**, v. 29, n. 1, p. 126-133, 2008.

VENTURA, M. M. O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa. **Revista SOCERJ**, v. 20, n. 5, p. 383-386, 2007.

## ANEXO

UNIVERSIDADE DO EXTREMO  
SUL CATARINENSE - UNESC



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** O FENÔMENO DA SEGUNDA RESIDÊNCIA: UM OLHAR SOBRE OS OCUPANTES DE UMA PRAIA DO SUL DE SANTA CATARINA

**Pesquisador:** VIVIANE KRAIESKI DE ASSUNÇÃO

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 88023718.3.0000.0119

**Instituição Proponente:** Universidade do Extremo Sul Catarinense

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.625.752

**Apresentação do Projeto:**

A presente pesquisa pretende analisar o fenômeno da segunda residência no Balneário Rincão (SC) por meio da relação dos sujeitos com suas casas de praia. A pesquisa será de âmbito exploratório, e de caráter qualitativo. Terá como base a pesquisa

bibliográfica, com consulta a artigos científicos, dissertações, teses. Será realizada pesquisa de campo, e o levantamento de dados acontecerá de forma direta, com o recolhimento de informações por meio da utilização de entrevistas

semiestruturadas, feitas a partir de um roteiro predeterminado (AMOROZO; VIERTLER, 2010). Serão entrevistados 30 moradores com, no mínimo, 18 anos, que possuem uma residência no Balneário Rincão, porém mantêm sua residência no meio urbano. Para a realização das entrevistas, será utilizada a metodologia Bola de Neve, na qual um sujeito que já possui uma convivência com o pesquisador indica outro sujeito para incluir na amostra. Esta metodologia é utilizada quando se trata de populações específicas e de um número pequeno de indivíduos. Serão coletadas imagens das casas por meio de registros fotográficos feitos pelo próprio pesquisador, de modo a não identificar os sujeitos da pesquisa.

Será solicitado que o participante indique, no momento da pesquisa, os locais, móveis e objetos que considera mais significativos e aqueles que desejaria modificar. Cre

**Endereço:** Avenida Universitária, 1.105

**Bairro:** Universitário

**CEP:** 88.806-000

**UF:** SC

**Município:** CRICIUMA

**Telefone:** (48)3431-2606

**E-mail:** cetica@unesc.net

Continuação do Parecer: 2.425.752

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo Primário:**

-Analisar o fenômeno da segunda residência no Balneário Rincão (SC) por meio da relação dos sujeitos com suas casas de praia.

**Objetivo Secundário:**

Levantar informações sobre o processo histórico de ocupação de segunda residência no Balneário Rincão;

-Compreender como os sujeitos se apropriam de suas casas de praia; Identificar se os sujeitos possuem sentimento de pertença em relação à sua casa de praia;

-Analisar como os sujeitos personificam suas casas de praia.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Resguardado o sigilo dos dados pessoais dos participantes e a não divulgação dos endereços das residências assim como os pesquisadores deverão solicitar por escrito a autorização de divulgação das imagens dos móveis e residências pra poder publicar em sua pesquisa.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A presente pesquisa apresenta as condições para ser realizada desde que seja observando pelos pesquisadores os cuidados necessários relativos aos riscos da pesquisa.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória estão adequados.

**Recomendações:**

Recomendamos que ao término da pesquisa, conforme o cronograma seja publicado na plataforma Brasil o relatório final da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

A presente pesquisa não apresenta pendências ou inadequações.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1114384.pdf	17/04/2018 20:21:27		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_Haron.docx	17/04/2018 20:20:54	VIVIANE KRAIESKI DE ASSUNÇÃO	Aceito

Endereço: Avenida Universitária, 1.105  
 Bairro: Universitário CEP: 88.806-000  
 UF: SC Município: CRICIUMA  
 Telefone: (48)3431-2606 E-mail: cetica@unesc.net

Continuação do Parecer: 2.625.752

Justificativa de Ausência	TCLE_Haron.docx	17/04/2018 20:20:54	VIVIANE KRAIESKI DE ASSUNÇÃO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto.pdf	17/04/2018 20:20:24	VIVIANE KRAIESKI DE ASSUNÇÃO	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista.docx	13/04/2018 23:57:37	VIVIANE KRAIESKI DE ASSUNÇÃO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Pesquisa_Haron.doc	13/04/2018 23:56:42	VIVIANE KRAIESKI DE ASSUNÇÃO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CRICIUMA, 27 de Abril de 2018

Assinado por:

**RENAN ANTONIO CERETTA**  
(Coordenador)

Endereço: Avenida Universitária, 1.105  
Bairro: Universitário CEP: 88.806-000  
UF: SC Município: CRICIUMA  
Telefone: (48)3431-2606 E-mail: cetica@unesc.net

## APÊNDICE

### APÊNDICE A- Roteiro de entrevista semiestruturada para as pessoas que tem casa de veraneio no município de balneário rincão

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO  
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

#### ROTEIRO DE ENTREVISTA

Dados sobre o entrevistado:

Nome:

Idade:

Profissão:

Questões:

- 1 – Há quanto tempo você frequenta a praia do Rincão?
- 2 - Há quanto tempo você tem casa na praia do Rincão?
- 3 - Você mora em qual cidade? (Fora no Balneário Rincão)
- 4- Na região urbana, você mora em casa ou apartamento?
- 5- Além de você, quem utiliza sua casa de praia? Costuma receber familiares, parentes, amigos?
- 6- Quais motivos levaram você a escolher a Praia do Rincão?
- 7- Você comprou a casa ou mandou construí-la? Caso tenha comprado a casa, fez reformas ou alterações? Quais?
- 8- Você se identifica com sua casa de praia?
- 9- Você pretende morar futuramente na casa de praia? Por quê?
- 10- Você está satisfeito com sua casa de praia? Se não está satisfeito, quais alterações faria?
- 11- De que você mais gosta em sua casa? Por quê? De que você menos gosta? Por quê?
- 12- O que você mudaria na casa de praia? Por quê?

13-Você tem percebido mudanças na Praia do Rincão ao longo dos anos? Quais? Na sua opinião, estas mudanças são positivas ou negativas?